



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
COLEGIADO DE HISTÓRIA

STEPHANNI SANTOS CARNEIRO

**O SEGREDO DO SAGRADO: MEDICINA POPULAR E RITUAL DE CURA NO
TERREIRO DE UMBANDA RAINHA DO MAR EM CAÉM/BA.**

JACOBINA, BA
2025

STEPHANNI SANTOS CARNEIRO

**O SEGREDO DO SAGRADO: MEDICINA POPULAR E RITUAL DE CURA NO
TERREIRO UMBANDA RAINHA DO MAR EM CAÉM-BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr.^a Mariza do Carmo Rodrigues.

JACOBINA, BA

2025

Aos meus pais, minha filha, familiares, que foram grandes
incentivadores e sempre acreditaram nos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

É com profunda gratidão e grande satisfação que apresento este trabalho, resultado de uma jornada que não teria sido possível sem o apoio inestimável de pessoas e instituições cruciais.

Em primeiro lugar, meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, a Professora Mariza Rodrigues. A sua paciência incansável, a dedicação contínua em guiar meus passos e o conhecimento especializado que generosamente compartilhou foram o alicerce e o farol deste projeto. Mais do que uma guia, a senhora foi uma verdadeira mentora, e a sua confiança em meu potencial foi fundamental para superar os momentos de desafio e incerteza.

Gostaria de estender meu profundo reconhecimento a todas as professoras e professores do Colegiado de História e ao Departamento de Ciências Humanas -Campus IV da Universidade do Estado da Bahia-UNEB por possibilitar minha formação acadêmica, profissional e a ampliação de visão de mundo.

À Cleide, Secretária do Colegiado de História por sua dedicação e competência, auxiliando sempre durante minha estadia no curso de História.

Um agradecimento especial e caloroso é direcionado a Josias Neves e Pai Peba. Sem os seus conhecimentos práticos e empíricos, sem a sua colaboração aberta e o tempo dedicado a compartilhar informações vitais, esta pesquisa jamais teria alcançado sua profundidade e relevância, eles foram a ponte essencial entre a teoria e a realidade.

Por fim, e de forma mais pessoal, dedico este trabalho à minha família. Aos meus pais, à minha irmã e, em especial, à minha filha. Este projeto representa mais do que uma conclusão acadêmica; ele é a materialização do nosso amor, o reflexo do incentivo diário e a prova da parceria incondicional que sempre me impulsionou. É para vocês que dedico cada linha e cada conquista.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "O segredo do sagrado: Medicina popular e rituais de cura do Terreiro de umbanda Rainha do Mar em Caém Bahia" é um estudo investigador que busca compreender a persistência da medicina popular e dos rituais de cura da Umbanda na atualidade. O objetivo do trabalho é identificar a população que adere a essas práticas e a classificação dos rituais, analisando como a classe social impacta nessas crenças. A metodologia adotada é a História Oral, através de entrevistas com o babalorixá Josias Neves e sua família. A trabalho aborda o olhar do líder sobre a Umbanda e sua representação, o olhar da população sobre essas personalidades, os locais e o tipo de cura oferecido pelo Terreiro. A introdução ressalta a relação entre a medicina popular da Umbanda e as raízes culturais do interior do Brasil, notando a parceria pela fé que, por vezes, se manifesta até mesmo em ambientes hospitalares, especialmente em casos terminais.

Palavras-chave: Umbanda, Medicina Popular, Rituais de Cura, Práticas Culturais, Fé.

ABSTRACT

This Final Course Project, entitled "The Secret of the Sacred: Popular Medicine and Healing Rituals of the Rainha do Mar Umbanda Temple in Caém, Bahia," is an investigative study that seeks to understand the persistence of popular medicine and healing rituals of Umbanda in the present day. The objective of the work is to identify the population that adheres to these practices and the classification of the rituals, analyzing how social class impacts these beliefs. The methodology adopted is Oral History, through interviews with the babalorixá Josias Neves and his family. The work addresses the leader's view of Umbanda and its representation, the population's view of these personalities, the locations, and the type of healing offered by the temple. The introduction highlights the relationship between the popular medicine of Umbanda and the cultural roots of the interior of Brazil, noting the partnership through faith that sometimes manifests itself even in hospital environments, especially in terminal cases.

Keywords: Umbanda, Popular Medicine, Healing Rituals, Cultural Practices, Faith..

LISTA DE FIGURAS

Figura- 1. Fachada do Terreiro Rainha do Mar.....	16
Figura- 2. Paramentação dos Orixás.....	21
Figura- 3. Festa de Carurú.....	37
Figura- 4. Galho de Arruda.....	43
Figura- .5 Galho de Vassourinha.....	44
Figura- 6. Galho de Pinhão-roxo	45
Figura- 7. Pó de Pemba preparado.....	45
Figura- 8. Bebida das Entidades	47
Figura- 9. Assentamento de Exú e Pomba Gira.....	49
Figura- 10. Assentamento de Ogum.....	50
Figura- 11. Peneira de Búzios.....	51

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
2. DA UMBANDA À FORMAÇÃO DO TERREIRO RAINHA DO MAR EM CAEM/BA.....	14
2.1- Caém: um pouco de história.....	14
2.2- A Umbanda no Brasil.....	17
2.3- Rituais Litúrgicos e a figura do pai-de-santo Josias Neves.....	24
2.4- O fortalecimento dos Terreiros na zona rural.....	28
2.5- Dos filhos do Terreiro e simpatizantes.....	31
3. PRÁTICAS DE CURA NA UMBANDA DE CAÉM-BA: O CASO DO TERREIRORAINHA O MAR.....	34
3.1- A manifestação do dom.....	34
3.2- Práticas e rituais de cura.....	38
3.3- A cura pelas ervas.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
FONTES ORAIS.....	58
APÊNDICE.....	59

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é analisar as principais práticas de cura no Terreiro de Umbanda Rainha do Mar, na cidade de Caém/BA, a partir dos relatos de seu líder espiritual, o pai de santo Josias Neves. Assim sendo, fez-se necessário apresentar um breve percurso histórico sobre a Umbanda no Brasil: suas origens, implicações e principais preceitos.

Caém é uma cidade do interior da Bahia, localizada na Chapada Diamantina, com um pouco mais de 62 anos de emancipação e aproximadamente 10 mil habitantes. A renda da cidade gira em torno da agricultura e da pecuária; por ser uma cidade que cresceu em torno de pequenas propriedades rurais e pelo seu histórico religioso, tornou-se o palco para a minha dissertação.

A metodologia de pesquisa foi pautada na História Oral, uma fonte que utiliza as narrativas produzidas pelos interlocutores deste trabalho. Parte das narrativas foi produzida através de gravação de áudio — com posterior transcrição — e outra parte por meio de conversas informais. As entrevistas giram em torno de um esquema pré-estabelecido de perguntas norteadoras nos seguintes eixos: "Quem é você?", "Qual a origem do Terreiro?", "Como descobriu o dom?" e "Como a cura espiritual acontece?", entre outras indagações que foram se revelando no decorrer das entrevistas.

A História Oral é uma ramificação da História e proporciona uma alternativa na utilização das fontes. Ela surge a partir da Segunda Guerra Mundial, substituindo a ideia do Positivismo alemão, que detinha como princípio a ideia da verdade absoluta pautada na interpretação de documentos tidos como fontes oficiais. Todavia, toda narrativa escrita parte de um pensamento outrora oral; nesse sentido, Amadou Hampaté-Bâ diz que “o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem” (Hampaté-Bâ, 2010, p.168). Em outras palavras, a fonte não fala por si só: ela é fruto de uma interpretação.

“Os primeiros arquivos ou bibliotecas foram cérebros dos homens” (Hampaté-Bâ, 2010, p.167), e a memória, em seu conceito biológico, faz analogia a narrativas ou recordações preservadas pelo indivíduo ou pelo grupo ao qual pertence.

Principalmente em sociedades onde a escrita não é preponderante e comum, essa tradição de preservar a memória e repassar os ensinamentos mantém a credibilidade, na medida

em que a sociedade como um todo é "condenada" ao esquecimento por estarmos habituados a preservar a memória apenas através de documentos.

Para uma sociedade carente de educação como a de Caém nessa determinada época, os ensinamentos orais tornam-se a perpetuação de uma cultura. Assim como nas tribos africanas, percebe-se que a palavra vale mais que o documento e a oralidade é uma dádiva; o compromisso em transmitir o relato é uma tradição, e a honra de um povo dá-se pela manutenção desta. Assegurar com destreza aquilo que lhe foi repassado e transmiti-lo é um dom herdado de seus ancestrais. O produto da história nada mais é do que o olhar do historiador a partir de seu próprio "umbigo"; a veracidade dos fatos dá-se mediante um julgamento de valor fortalecido com as fontes.

Em 1988, a Constituição Federal brasileira reconheceu a existência de bens culturais de natureza imaterial. Bens culturais dizem respeito às práticas exercidas na vida social que são repassadas oralmente de geração em geração, como a "arte de fazer" — sejam elas celebrações, remédios ou orações que, quando expressadas, remetem a um sentimento de identidade e continuidade de um povo, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Preservar a identidade de um povo trata-se de um ato de construção da cidadania. A identidade defendida por Stuart Hall, 2006.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente.” (HALL, 2006, p. 12-13).

Sendo primordial na construção do ser caenense, o trabalho parte da perspectiva de que identidade e cultura estão interligadas, sendo indissolúveis. Foi através de entrevistas orais realizadas de forma remota e presencial, além de pesquisas de campo, que pude adentrar no Terreiro de Umbanda Rainha do Mar e observar cada passo dentro do processo de cura. Alguns entrevistados autorizaram o uso de seus nomes reais, sendo estes: Josias Neves e Andrezza Carneiro; já Fábio Assunção e Peba Vaqueiro preferiram utilizar pseudônimos. Sendo Josias Neves e o Terreiro Rainha do Mar os objetos primordiais desta pesquisa, justifico a escolha baseada na relação de proximidade entre nós, por eu ser frequentadora do Terreiro e por ele ser uma pessoa que se mostra disposta a contribuir com o estudo, cedendo fotos, vídeos e permissões para que eu pudesse adentrar nos segredos da religião.

A medicina popular e as práticas de cura ligadas à Umbanda estão intrinsecamente relacionadas às raízes culturais do Brasil, principalmente às cidades do interior. Em razão dessas circunstâncias, ao observarmos a religião como elo comum entre as pessoas, nota-se a cumplicidade entre profissionais da saúde e pacientes dentro de postos de saúde e hospitais — especialmente no que diz respeito à manifestação da fé, seja por orações ou pelo uso de medicamentos caseiros. Mesmo não sendo uma prática universal, há nessas relações uma parceria que se instaura por meio da crença. Essas atitudes tornam-se ainda mais evidentes quando os pacientes hospitalizados estão em fases terminais.

Existe uma relação entre Umbanda e as "doenças da carne", tidas como enfermidades comuns que acometem a vida das pessoas e que, segundo os praticantes, são extintas diante do exercício da fé no espaço do Terreiro. Realizou-se um estudo específico no Terreiro de Josias Neves, com pesquisas de campo onde foi possível observar a manifestação do mundo espiritual em festividades religiosas na cidade de Caém. Esta pesquisa apresenta resultados obtidos através da História Oral, por meio de entrevistas (ora presenciais, ora on-line) com o babalorixá, utilizando os relatos recolhidos para compreender as minúcias desses saberes populares.

Saber de onde vem a cura é o questionamento central deste trabalho: O que é a cura? Quem cura? Como se cura? Tais perguntas constituem a principal problemática desta investigação.

Sob o título "O segredo do sagrado: medicina popular e rituais de cura no Terreiro de Umbanda em Caém, Bahia", esta pesquisa de caráter exploratório busca elencar, através de entrevistas, como essas práticas persistem nos dias de hoje, qual o perfil da população que as adere e como esses rituais são classificados. É fundamental trazer esse questionamento para compreender como a classe social impacta nessas crenças. Falar sobre a Umbanda é um tema atemporal, visto que a religião cresce a cada dia, na mesma medida em que a perseguição contra ela.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é composto por introdução, dois capítulos — nos quais são desenvolvidos os temas centrais detalhados abaixo — e as considerações finais. No Capítulo 1, abordam-se a delimitação geográfica, a construção do Terreiro e a trajetória do Pai de Santo, bem como a descoberta do dom, a correlação da Umbanda no Brasil com a praticada no Terreiro Rainha do Mar e o fortalecimento da religião nas zonas rurais. No Capítulo 2,

apresentam-se o conceito de cura e sua correlação com a doença, a manifestação do sobrenatural e o uso de ervas e objetos nos rituais.

Buscar a religião para curar-se faz parte de uma ideologia que consiste em crer no sobrenatural; na ideia de que outro ser, de outra esfera, pode nos ajudar quando os recursos da vida material não são capazes de solucionar os problemas sozinhos.

2. DA UMBANDA À FORMAÇÃO DO TERREIRO RAINHA DO MAR EM CAÉM/BA

2.1- Caém: Um pouco de História

O lócus da pesquisa que gerou este Trabalho de Conclusão de Curso situa-se na cidade de Caém (BA), cuja fundação está associada ao povoamento da região chamada Piemonte da Chapada Diamantina. Caém é uma pequena cidade com 62 anos de emancipação e uma população de 10.384 habitantes (IBGE), que vivem, em sua grande maioria, da agricultura e da pecuária, tendo Jacobina (BA) como o município de referência mais próximo, seguido da capital, Salvador. A cidade foi emancipada em 1963, por intermédio de Henry de Broutelles, engenheiro responsável pela construção da linha ferroviária que ligava Jacobina a Senhor do Bonfim — intitulada popularmente de "Trem das Grotas". É nesse cenário de exploração das usinas auríferas e de manganês, aliado ao desenvolvimento da pecuária e agricultura, que a construção dessa linha férrea possibilitou a aglomeração de pessoas no local onde hoje se ergue a cidade.

A predominância da população negra nessa região fez destacar-se um aparato de tradições ritualísticas das religiões que cultuavam, com destaque para o Candomblé e a Umbanda. Situar-se nas "roças" era sinônimo de bem-estar, sossego e prosperidade, era o lugar ideal para cultivar, plantar e cuidar de suas ervas. Em razão disso, compreendemos que as roças acolheram e se tornaram palcos para essas práticas.

Buscando identificar a origem dos saberes medicinais populares — especificamente as ervas, xaropes e garrafadas produzidas por pais e mães de santo, juntamente com o ritual ministrado por eles —, analisaremos o coração da religião. Partiremos do estudo de Josias Neves, pai de santo bastante conhecido entre a juventude local, e dos saberes ocultos no rito de cura, observando a relação entre corpo e alma e como esses conhecimentos persistem e mostram-se eficazes, mesmo em tempos de valorização do cientificismo.

Essas práticas de cura sempre existiram, antes mesmo da formação da cidade; são um misto de cultos africanos e indígenas, impulsionados ainda mais pelo cenário de decadência da saúde pública. O Hospital Otto Alencar, situado em Caém — único da cidade e de caráter público —, foi inaugurado em 1990, décadas depois da emancipação política. Na época, oferecia poucos serviços de saúde justamente pela carência de profissionais e pela alta demanda; com isso, a maior parte das enfermidades biológicas continuou sendo tratada por "conhecedores das ervas", pessoas que aprendiam o ofício de cuidar e curar.

Partos, tratamentos de infecções, reconstrução óssea, "espremedeira" e conjuntivite, entre outras doenças, eram tratados por meio de remédios caseiros, rezas e simpatias intermediadas por pais e mães de santo. Ainda hoje, existe uma relação cultural entre a medicina popular e a científica, o que fica evidente em casos de internamento, nos quais pacientes com doenças terminais são assistidos pelos familiares com remédios caseiros e rezas, estejam ou não sob os cuidados hospitalares. Assim, percebe-se a fé aliada ao processo de cura de cada indivíduo, de forma explícita ou não. Outros autores trazem as raízes desses rituais sinalizando que a doença não é apenas uma questão física, mas também um reflexo da desarmonia social e espiritual — como é o caso de Granjo, que relaciona o espírito e a carne como entes indissociáveis.

Por muito física que seja a manifestação de uma doença, ela pressupõe a existência de um desequilíbrio mental ou espiritual que afeta o paciente e esse desequilíbrio pressupõe, por sua vez, a existência de causas sociais. Segundo esta perspectiva holística, então, não basta tratar a doença para curar o paciente; é também necessário restabelecer o equilíbrio social, incluindo a harmonia com os antepassados, ou os problemas de saúde continuarão a surgir, pelo facto de a sua causa última não ter sido solucionada (GRANJO, 2009, p.545).

Essa correlação é tida como verdade absoluta entre os praticantes e adeptos da religião Umbanda no Terreiro Rainha do Mar, sendo um dos motivos pelos quais tais práticas terapêuticas ainda persistem. As novas preocupações do século XXI, que implicam a saúde do indivíduo, mostram que os medicamentos de laboratório são repletos de contraindicações; conseqüentemente, uma boa parcela da população pesquisada busca formas alternativas de tratamentos que sejam menos prejudiciais, seja por meio de medicamentos naturais e/ou por meio da fé.

A formação do Terreiro Rainha do Mar iniciou suas atividades há pouco mais de cinco anos. Portanto, por ser uma casa jovem e em processo de instrução religiosa, civil e moral, fez-se necessário buscar maturidade para tal empreitada. A casa de Umbanda fundada por Josias Neves é uma ramificação daquela que outrora fora fundada por sua avó, o Terreiro Rainha das Águas. Hoje, ele o administra incluindo particularidades que não existiam no antigo espaço — a exemplo do "cruzamento" (cooperação em culto) com o Candomblé de Angola (rituais e cultos ligados à cultura bantu).

Figura 1- Fachada do Terreiro Rainha Do Mar



Fonte: Stephanni Carneiro, 2025

O espaço destinado ao Terreiro é também uma de suas residências, situado em um bairro popular nomeado Emília Andrade 2, mais conhecido como "Dezoito". Trata-se de um bairro periférico, com população majoritariamente negra e parda, formado a partir do projeto do Governo Federal "Minha Casa, Minha Vida" que, em parceria com o município, construiu e doou casas populares para a população carente.

O imóvel utilizado para a religião é fruto desse projeto e está devidamente identificado com um crânio bovino, penas e palhas — símbolos religiosos da casa. O espaço, ainda em

processo de adaptação, possui dois quartos onde são guardados medicamentos, imagens em gesso, guias, roupas, bebidas e outros elementos simbólicos. Conta também com duas salas: uma para descanso e outra para as festas, que acabam por se estender até o quintal. Aos fundos, existe uma outra propriedade utilizada para o preparo dos alimentos distribuídos durante os eventos; nesse espaço, ficam também os dormitórios e banheiros da família de santo, composta por tios, sobrinhos e o próprio Josias Neves, que residem no local.

O Terreiro Rainha do Mar é de conhecimento das autoridades municipais e possui alvará de funcionamento anual. Durante as festividades principais, que demandam mais dias de celebração, é providenciado um alvará específico. Josias relata que nunca houve registro de problemas por conta de barulho ou qualquer outro motivo; ele afirma ser bem protegido pelas entidades e pela população local, que frequenta a casa. Entretanto, relata já ter passado por certos desconfortos, como olhares preconceituosos e comentários indevidos, embora as situações não tenham escalado.

Cada festividade possui uma decoração específica no Terreiro Rainha do Mar: as destinadas aos Erês possuem um colorido especial em azul e rosa, acompanhado de brinquedos infantis; já nas festas de Caboclos, a decoração faz reverência às matas, com palhas de coqueiro e artigos em couro. Assim, sucessivamente, a casa se molda à necessidade da entidade.

Em Caém, além do Terreiro de Josias, existem outros em funcionamento; durante a pesquisa, identifiquei ao menos oito espaços intitulados como "Terreiro de Umbanda". Todos em plena atividade, alcançam centenas de pessoas durante seus festejos. Prevalece um pensamento popular de forma universal no que se refere aos Terreiros localizados aqui: acredita-se que são multiculturais, apresentando elementos ritualísticos, visões de mundo e valores que se misturam ao Candomblé, à Quimbanda e a outras religiões. Essa multiplicidade de práticas de matriz africana e afro-brasileira aponta para vastas possibilidades de pesquisa nesta região sertaneja.

2.2-A Umbanda no Brasil

Estudos apontam que a Umbanda, enquanto religião, surge no Brasil em 1908, por meio de Zélio Fernandino de Moraes. Considerada a primeira e única religião exclusivamente brasileira, possui características do Kardecismo e do Candomblé. Segundo a história, a religião nasce da necessidade do Caboclo das Sete Encruzilhadas que, não estando satisfeito com a gira na qual outrora havia se manifestado, solicitou a Zélio, seu interlocutor, que fosse fundado um

Terreiro diferente, onde suas próprias leis seriam confeccionadas. Seus principais fundamentos e valores são a Caridade, a Prosperidade e a Compaixão; autores como Juruá, em sua obra *A manifestação do espírito para a caridade*, reafirmam essa cosmovisão.

A partir de uma contundente declaração do “Caboclo” através de Zélio de Moraes, iniciava um novo culto em que os Espíritos dos ancestrais africanos, ex-escravos, como também os indígenas brasileiros, abarcando a todas as almas afins que estivessem aptas a trabalharem em prol dos irmãos encarnados, de pluralidades diversas, sejam de caráter étnicos, religiosos e socioculturais, onde a “Manifestação do Espírito para a Caridade”, através de um direcionamento de amor fraterno, seria a principal característica deste culto, embasada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e considerando como Mestre Supremo, o Cristo Planetário (JURUÁ, 2013, p.18).

Por outro lado, outros estudiosos trazem, em suas pesquisas, interpretações divergentes da anterior — comumente chamada de "marco-mito" —, evidenciando um racismo religioso que desconecta a ideologia de Zélio dos fundamentos espíritas. Autores como Bruno Farias Rohde afirmam, em seus artigos, que a origem da "Umbanda Branca" parte da premissa de que a população de classe média e de etnia branca não estava satisfeita com o Espiritismo Kardecista, por este menosprezar as entidades de negros e índios que se manifestavam em seus cultos. Por consequência, fundaram a Umbanda Branca, onde o termo “Branca” faz referência direta à etnia desses fundadores.

A partir do início do século XX, num movimento iniciado ou representado pelo marco-mito do dia 15 de novembro de 1908. A partir de então, um grupo de indivíduos brancos de classe média assume um papel fundamental na história umbandista. Descontentes com o espiritismo kardecista devido a uma divergência no que diz respeito à qualificação moral, cultural e evolutiva mais baixa atribuída aos espíritos de negros e índios que baixavam nas mesas kardecistas desde o século XIX, os quais eram tratados como entidades carentes de luz que deveriam ser no máximo doutrinadas e dispensadas, esse grupo tratará de organizar aquilo que é compreendido por muitos como uma nova religião, a umbanda (leia-se umbanda branca, e não o todo umbandista). Esta seria o resultado da reorganização de alguns elementos dos cultos de origem negra, como as macumbas predominantemente banto e os candomblés nagô e angola, associados a resquícios de práticas indígenas e a valores morais católicos, e tudo isso emoldurado pela doutrina kardecista, a qual por sua vez tem como inspiração ideias hinduístas como os ciclos de reencarnação e a lei do karma (RODHE, 2009, p.82).

Nessa mesma perspectiva, Prandi 2003 traz também em uma de suas obras a premissa de que a origem da Umbanda se dá pela insatisfação com o kardecismo.

No Estado do Rio de Janeiro, cerca de 1920, foi fundado o primeiro centro de umbanda, que teria nascido como dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espíritos inferiores (PRANDI, 2003, p.18).

Embora existam teorias divergentes sobre esse acontecimento, é possível chegar a um consenso de que — seja por ordem da entidade, por iniciativa da população de classe média ou por insatisfação geral dos adeptos — as teses denotam a existência de um conflito entre lideranças no que diz respeito ao culto a entidades negras e indígenas, o que impulsionou a criação dessa nova religião.

Existe, ainda, uma crença de que a Umbanda seria uma “sub-religião” derivada do Candomblé, sendo este último considerado um culto “puro” por manter as raízes africanas, principalmente na adoração aos Orixás conforme LIMA em 2016 afirma:

As duas religiões de matriz afro-brasileiras mais conhecidas são o Candomblé e a Umbanda. Na qual, literaturas e autores defendem que o Candomblé é parte “pura” da religião, pois tenta ao máximo preservar todos os aspectos das religiões nativas da África trabalhando apenas com os Orixás. E julgam a Umbanda, como uma “religião impura”, pois ao criar-se no Brasil ela precisou incorporar aspectos de outras formas de cultos para que pudessem ser praticadas, assim, passando por um processo de sincretismo religioso, dando origem a Umbanda (LIMA, 2016, p.13).

Essa narrativa, que apresenta a Umbanda como uma “sub-religião”, parte de uma cosmovisão preconceituosa que perpassa gerações. Tal associação, por sua vez, é fundamentada em uma perspectiva segundo a qual a mistura imposta pelo sincretismo religioso retiraria dela o caráter de propriedade, individualidade e originalidade — fazendo-a ser confundida com outros rituais e, supostamente, fugir de suas raízes. Em outras palavras, é como se a adaptação fosse vista como maléfica à religião. Mesmo dentro dessa dualidade, a Umbanda conquista uma grande proporção de adeptos e torna-se um patrimônio religioso e cultural brasileiro, sendo hoje um aspecto importante na composição identitária nacional e, conseqüentemente, caenense.

O Terreiro tem, para os umbandistas, o mesmo prestígio que a igreja possui para os cristãos: é o lugar mais importante da religião e simboliza o espaço destinado ao culto às entidades. Geralmente, o espaço é regido por uma tríade de Orixás que formam a “cabeça” do Pai de Santo, auxiliados pelos demais caboclos. É nesse ambiente que as entidades se manifestam, curando enfermidades, fazendo previsões e orientações, além de instruir aqueles que se identificam e desejam firmar-se na crença. Apesar das diferenças na maneira de cultuar, a energia do Orixá trabalha em harmonia com os Falangeiros da Umbanda. Em termos comparativos, é como se ambos representassem um grande clã: o Orixá seria o patriarca ou matriarca da família, enquanto os Falangeiros seriam seus descendentes.

No Terreiro de Josias, são cultuados e manifestam-se os Falangeiros, que representam a energia do Orixá do Candomblé. Um exemplo é Oxóssi: embora seja um Orixá do Candomblé, é cultuado na Umbanda através de seus Falangeiros — no caso em questão, o equivalente seria Oxóssi de Matalabô. Segundo Josias, um dos fatores que diferencia as duas religiões é que, no Candomblé, o Orixá não utiliza a língua portuguesa para se comunicar diretamente com os participantes; eles interagem, mas não estabelecem conversas verbais. Além disso, no Candomblé, não se observa a manifestação dos Falangeiros. Estes, por sua vez, falam o português e interagem plenamente com os presentes. Na Umbanda, não se cultua a energia do Orixá isoladamente, mas sim a dos Falangeiros que, além de dialogarem com as pessoas, entoam "pontos", que são as canções rituais da religião. A seguir, apresento um dos pontos cantados na chegada dos Falangeiros de Oxóssi no Terreiro Rainha do Mar.

eu sou Oxóssi é Matabor,
na minha aldeia ela é leal,
se encontrar meus passarinhos,
faça o favor de não matar.

Esse ponto demarca a sua chegada ao Terreiro; é uma cantiga entoada quando a entidade se manifesta incorporada no "aparelho" (médium). Iemanjá, Orixá do Candomblé, é representada na Umbanda por meio da Cabocla das Águas; com isso, a entidade carrega sua energia e características, tais como a vaidade, o zelo pelos cabelos, o instinto maternal, o amor pelo próximo e a compaixão. O ponto cantado em seu louvor descreve detalhadamente esses atributos.

ô mãe, ô mãe por quê cortou meu cabelo,
Janaína menina cabelo cresce ligeiro.

Geralmente, o ponto é apresentado à comunidade pela própria entidade ao "descer em terra", servindo como um instrumento de apresentação para marcar sua chegada. Além disso, funciona como uma forma de reger o trabalho espiritual, comunicando como a entidade atua e do que necessita; o ponto pode, ainda, ser criado pelo Pai de Santo para homenageá-la. No caso do Caboclo de Vaqueiro — que pertence a uma linhagem específica de entidades —, seu ponto faz menção à corda, ao gibão e ao chapéu, objetos utilizados por ele em sua vivência terrena antes de evoluir para o mundo espiritual. Tais utensílios são identificados, popularmente, como vestimentas e ferramentas próprias do vaqueiro nordestino.

cadê o meu chapéu?
cada meu gibão?

minha corda de laçar?
me cachorro tubarão?

FIGURA 2- Paramentação do Orixás



Fonte: Stephanni Carneiro, 2025.

A Umbanda é tida como uma religião multifacetada, guardando semelhanças com o Candomblé, a Quimbanda e o Cristianismo. Tais semelhanças manifestam-se na forma de cultuar, na organização dos altares e no uso de alguidar. Ao traçarmos as características pertinentes à Umbanda de Josias, observa-se que o culto utiliza imagens de santos católicos — como São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida e São Jorge —, que são associados às falanges e aos Orixás. Há, também, a presença de rezas católicas durante os rituais, bem como a menção ao nome do Menino Jesus.

Diferentemente de outras vertentes, nesse Terreiro não se faz reverência direta aos Orixás, mas sim às falanges — embora o Orixá também possa se manifestar. Não há a prática da "catulação", que consiste na raspagem completa da cabeça; em contrapartida, realiza-se o "pagamento" do Bori. Sobre isso, Josias afirma:

Na Umbanda a gente não raspa, primeiramente, o Orixá que desce no salão de Umbanda não é o mesmo que desce no salão de Candomblé, tem essa diferença, Orixá

de |Candomblé tem todo um rito diferente, apesar dos nomes seres iguais e ter essa relação não é cultuado da mesma forma. (15 de outubro de 2024).

Peba Vaqueiro¹, outro interlocutor e Pai de Santo frequentador do Terreiro de Josias diz:

Em primeiro lugar a diferença da Umbanda para o Candomblé é que a Umbanda é mais Santo, cultua mais Santo, que seja, a gente bota imagem de Santo, imagem de São Sebastião, na Umbanda é Oxóssi, Nossa Senhora Aparecida é Oxum, as pessoas da Umbanda rezam mais, não faz sacrifício, faz caridade. O Candomblé é cultuado como Orixá. Na Umbanda não existe Orixá, existe Caboclo e Entidade e espírito. No Candomblé a pessoa se recolhe para com 7 anos se tornar Pai de Santo² (15 de outubro de 2024).

Segundo Josias, o termo "Pai de Santo", embora citado por ele, não é o mais comum no Candomblé, onde o líder religioso é intitulado Babalorixá; em contrapartida, essa associação é natural para a população entrevistada. No Candomblé, conforme as características ressaltadas, a catulagem (ou catulação) é parte integrante do processo de iniciação, no qual ocorre um recolhimento de sete dias. Além disso, em seus altares, não existem santos católicos, apenas os Orixás e elementos que os representam, como conchas e pedras. Já a Quimbanda é mencionada como uma vertente distinta, na qual são cultuados os Inquices (em contextos de influência Bantu); refere-se a ela como uma linha em que praticantes poderiam, teoricamente, interferir na vida alheia de maneira negativa, atraindo má sorte ou problemas financeiros e familiares. Outra diferenciação pertinente reside nas nomenclaturas de "esquerda" e "direita", termos presentes nessas religiões para distinguir as linhas de trabalho das entidades — entendidas aqui como seres evoluídos de outro plano espiritual que fazem a intermediação entre os dois mundos.

Na visão popular — não muito diferente daquela exposta pelo entrevistado — a Quimbanda é tida como a parte obscura da Umbanda. Nela, há uma estigmatização da religião partindo da premissa de um conflito de ideias que a responsabiliza por cultuar entidades da 'Esquerda' (ou o 'mal'). A Umbanda, por sua vez, carregaria as energias de Oxalá, e a Quimbanda as de Lúcifer; no culto da Quimbanda, o espaço do Terreiro colocaria os Exus e as Pomba Giras em um posto de liderança. Não é difícil enxergar que existe um preconceito religioso escondido dentro dessa visão utópica sobre a Quimbanda. Como diz Bairrão e Carvalho (2019).

Negligenciando a tradição originária, quimbanda e macumba serão exaustivamente associadas ao baixo espiritismo. Descritos através de construções

¹ Pai Peba é um pai- de Santo bastante conhecido na cidade, entrevistado dia 15 de outubro de 2024, em entrevista não autorizou colocar seu nome do registro.

² Entrevista concedida por Josias Neves em 15 de outubro de 2024.

imagéticas que remetem a espíritos violentos, comprometidos com as forças infernais e aliados às projeções econômicas dos feiticeiros, a custo de oferendas compostas por bebidas alcoólicas, fumos, pimenta, carne vermelha e sangue animal. Quimbanda, entre alguns grupos umbandistas, será uma categoria de acusação (BAIRRÃO e CARVALHO, 2019, p.3 apud GONÇALVES, 2023, p.104).

Essas divindades, Exu e Pomba Gira, representam seres que, embora preservem características humanas por vezes consideradas desprezíveis, simbolizam liberdade, autenticidade e o gozo dos prazeres outrora reprimidos pela moralidade. Como afirma Pierre Verger (2018): 'O arquétipo de Exu é muito comum em nossa sociedade, onde proliferam pessoas com caráter ambivalente, ao mesmo tempo boas e más, porém com inclinação para a maldade, o desatino, a obscenidade, a depravação e a corrupção' (VERGER, 2018, p. 85 *apud* GONÇALVES, 2023, p. 86).

Em suma, observou-se que, apesar da discriminação em relação às entidades de Esquerda, esses espíritos ainda são cultuados — ao menos no Terreiro Rainha do Mar — como intercessores e protetores da casa de Umbanda. Por fim, nota-se que não existe Umbanda ou Candomblé "puros"; dessa forma, afirma-se que há um "cruzamento" entre o culto de Angola, o Cristianismo e a Quimbanda. Sobre essa integração, Josias Neves afirma:

Na minha religião a gente cultua a direita e a esquerda, que nem eu ia te falando, a direita é de Caboclo e Santo, pessoas que trabalham mais na linha do Santo, já a esquerda é mais Exú, Pomba-gira, malandro (15 de outubro de 2024).

Seguindo a mesma visão, as entidades que pertencem à linha da direita são responsáveis por aconselhar, defender, fazer previsões e receitar remédios naturais, além de "presentear os carnis" (os vivos). Dentre eles, destacam-se o Caboclo Boiadeiro, o Marinheiro, o Preto Velho, os Ibejis e a Nega da Costa. Cada um é representado por uma cor e por utensílios característicos, sejam eles o cachimbo, o chapéu, o chicote, o penacho, a chupeta ou o laço.

Já as entidades que pertencem à linha da esquerda são aquelas que detêm o poder de fazer o bem ou o mal, curar ou prejudicar, a depender da intenção de quem as cultua. Suas cores estão geralmente associadas ao preto e ao vermelho. São entidades que, antes de passar para o plano espiritual, teriam tido uma vida boêmia, marcada por noitadas e jogos. Podemos citar como exemplos: Maria Navalha, Pomba Gira Sete Saias, Zé Pelintra e Exu Tranca-Ruas. Seus utensílios incluem chapéu, leque, bengala e tridente, além de bebidas como cerveja, vinho e champagne.

Orixá também é Exu, eles pertencem a esquerda porque são mais da noite, neles são usados a bebida e cigarro. Para eles significa purificação; quando o Exu chega e cruza

os braços pra traz, ele está limpando o médio de certas energias negativas, ele utiliza a bebida também porque é a forma de trabalho dele, é a energia de Exu. Zé Pelintra também, a cor dele depende, tem a linha do zé dos Malandro, utiliza Preto e Vermelho; pra mim, na minha religião ele não faz parte da linha de Exú, ele trabalha na Esquerda e na Direita é bom conselheiro, bom malandro, é aquele que leva você para o bom caminho, Malandro é advogado dos mendigos, está sempre do lado dos humildes, que passa necessidade, que vive na rua, no lixo, gente que usa droga, eles trabalham junto com aquelas pessoas livrando do mal (15 de Outubro de 2024).

Quando o interlocutor afirma que "Orixá também é Exu", ele estabelece uma relação entre a cosmologia da Umbanda e a do Candomblé. Isso indica que, embora não se faça uma reverência direta ao Orixá nos moldes do Candomblé, a sua energia é manipulada e trabalhada no Terreiro de Umbanda por meio das falanges de Exu.

Todos esses rituais religiosos possuem raízes africanas que, ao longo dos séculos, integraram-se a particularidades locais, como os rituais indígenas e elementos do catolicismo popular, consolidando o caráter sincrético e plural dessas práticas.

Os Bantos trouxeram para o Brasil características etnográficas, folclóricas, como instrumentos de sopro, cantos, jogos de luta (a capoeira) e o samba. Trouxeram também aspectos da cultura árabe, como as lendas, mitos e tradições orientais. Os Nagôs, assim chamados por serem mais desenvolvidos intelectualmente, trouxeram características religiosas, como o culto aos Orixás, divindades do Candomblé. Influenciaram-nos também na culinária, na indumentária, com o traje de baiana e com novos instrumentos, hoje incorporados à música brasileira". (NOGUEIRA; NASCIMENTO, 2012, p.45).

Esses ensinamentos são frutos de tradições africanas que chegaram ao Brasil com os navios negreiros; desde então, as repressões por parte dos escravagistas a tais manifestações religiosas tornaram-se cada vez mais severas. Em razão disso, foram várias as tentativas de ocultar a fé como forma de resistência — fator primordial para que essas práticas tenham prevalecido até os dias atuais. Nesse contexto, surge o sincretismo religioso, que associa elementos da cultura cristã ao Candomblé e à Umbanda, como ocorre com o culto aos santos: Santa Bárbara, que na Umbanda representa Iansã; São Sebastião, associado a Oxóssi; e Nossa Senhora Aparecida, que representa Oxum, entre outros. O exercício da religiosidade negra, quando não é marginalizado, é demonizado, assim como qualquer manifestação que remeta à manutenção de sua ancestralidade.

2.3-Rituais Litúrgicos e a figura do pai-de-santo Josias Neves

Josias Neves dos Santos Neto, jovem natural de Caém, é iniciado na Umbanda há pouco mais de 11 anos. Filho e neto de caenenses que sempre residiram na zona rural do distrito de

Pias, em Caém (BA) — local onde também se localiza o Terreiro estudado —, ele traz consigo a herança dessa tradição.

Alguns elementos são fundamentais para caracterizar o Terreiro em questão como sendo de Umbanda, tais como: o uso de roupas brancas, a utilização de guias nas cores que representam cada entidade, o emprego de elementos da natureza e a catulagem (ou catulação) do *ori* (topo da cabeça).

Outra característica da nova religião era o uso de elementos extraídos da natureza (praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, jardins etc.) que servia no preparo de banhos, e perfumes em rituais. Na qual as ervas e outros elementos naturais possuem um grande poder vital, que através de suas combinações produzem determinado efeito positivo, negativo ou neutro, atuando na aura ou no campo magnético do indivíduo (15 de outubro de 2024)³.

Hoje, sua fonte de renda restringe-se a "bicos" — ou seja, a trabalhos informais sem registro — e é complementada por serviços oferecidos dentro da própria religião. Tais serviços incluem consultas na peneira com o jogo de búzios ou atendimentos com a entidade desejada. Os valores cobrados por cada serviço variam; deles, retira-se a "parte do Santo", que será utilizada nas festas dedicadas às divindades. Esse recurso é destinado à compra do bode, das galinhas e de todo o material ritualístico necessário. Além disso, o valor auxilia na manutenção dos gastos pessoais do Pai de Santo e na conservação da casa. É também um costume comum que os líderes religiosos participem de eventos da religião nos quais a presença é custeada pelos participantes ou pela própria rede de apoio.

A minha renda não vem só da Umbanda não, vem da consulta, da peneira, fora isso a gente tira a parte do Santo né, para algum evento, alguma festa. Cada santo que trabalha recebe e a gente deixa guardado para a festa dele e fora isso me mantenho normal, o Terreiro, velas, bebidas. Uma consulta comigo, só na peneira, eu não vou tirar do santo, esse dinheiro é meu. Uma consulta com Zé Pelintra, já tem um valor, eu vou tirar 10% pra mim, e 90% do santo para no dia da festa ter o dinheiro da entidade pra comprar o bode e etc. (15 de outubro de 2024)⁴.

A Umbanda surge em sua vida por influência de sua avó, Júlia da Cruz, fundadora do Terreiro Rainha das Águas, no distrito de Pias (município de Caém). O ingresso na religião ocorreu por meio do chamado da entidade, depois inúmeros episódios de recaídas de uma doença para a qual nem mesmo a medicina tradicional/científica encontrava explicação. Cansado desse tormento, Josias procurou, junto aos seus pais, ajuda no Terreiro, onde descobriu a cura e, por consequência, sua verdadeira vocação, passando a ser orientado a zelar por suas

³ Entrevista concedida por Josias Neves, 15 de outubro de 2024.

⁴ Entrevista concedida por Josias Neves em 15 de outubro de 2024.

entidades. Após sete anos, foi descoberta a sua linha de trabalho, momento em que foi instruído a suceder sua avó.

Roger Sansi, em sua obra *Fazer o santo: Dom, iniciação e historicidade das religiões afro-brasileiras*, refere-se ao ritual de "feitura de santo" de forma semelhante às afirmações de Josias Neves em entrevista. Nelas, podem-se identificar pontos de contato entre a Umbanda de Caém e outras religiões de matriz africana, como o Candomblé, já consagradas na literatura especializada. Vejamos o que diz o autor:

Muitos filhos-de-santo afirmam que não se iniciaram por vontade própria, mas porque um Orixá, caboclo ou entidade as obrigou a oferecer a sua devoção (a noção de "obrigação" é central no Candomblé, muito mais do que a ideia abstrata de "fé"). Essas entidades podem causar aflições físicas, mentais e sociais se as pessoas que eles querem "para si" não cumprirem as suas obrigações para com eles. Quando alguém vai a uma casa de Candomblé se queixa de uma aflição, seguindo o modelo oficial do Ketu, aquilo que uma mãe-de-santo faz em primeiro lugar é jogar os búzios. Este oráculo dirá ao paciente quem são os seus Orixás e quais as causas dos seus males. Para os acalmar pode oferecer-se inicialmente um bori, um ritual de dar de comer a cabeça" (SANSI, 2009. p. 144).

Para se tornar um líder religioso, é necessário haver aptidão e dom, sendo este último fornecido pelos Falangeiros de Orixás. A descoberta do sobrenatural ocorre, muitas vezes, ainda na infância; é comum perceber a criança falando sozinha, enxergando vultos, prevendo o futuro através de sonhos e até apresentando problemas de saúde incuráveis — resultado da necessidade de fortalecer os vínculos com o Orixá.

A iniciação dá-se a partir da vontade dos pais em prover a cura da criança. Ao ser levada a um Terreiro, o Pai ou a Mãe de Santo, através do jogo de búzios ou cartas, identificará a tríade que compõe a cabeça daquele indivíduo: o Juntó, o Contra-Juntó e o Disjuntó. Normalmente, uma pessoa possui duas tríades (da Direita e da Esquerda) que trabalham em conjunto para a evolução dele (médium); porém, as que atuam com maior frequência são chamadas de "linha de frente". Depois da confirmação no jogo de búzios, inicia-se o processo de consagração e a raspagem do *Ori*, lugar sagrado no corpo do indivíduo.

Após sucessivos trabalhos de limpeza corporal, também chamados de Ebó, o iniciado passará por sete dias de resguardo dentro desse espaço, fazendo referência aos Orixás, acendendo velas e defumando o corpo e o ambiente. Esse período culmina no momento em que a entidade ou o Pai de Santo lhe coloca o fio de contas para, posteriormente, realizar a catulagem (raspagem). Esta difere da prática do Candomblé por restringir-se somente ao topo (*Ori*) e não à cabeça completa. Durante esse ciclo, no primeiro, terceiro e sétimo ano, o iniciado precisa

"fazer a obrigação" — ritual que envolve o despacho e o caruru. É dessa forma que se define a linha à qual o indivíduo pertence: seja ela de "trabalho", na qual promoverá a cura de doenças da carne e do espírito em comunhão com os Orixás, ou de "devoção", em que deverá realizar festas para a entidade que o rege. Sobre esse processo, Josias relata o seguinte:

Após descobrir a minha linha de trabalho fui instruído a cultuar meus Orixás, através de festas ritualistas comumente chamada de caruru ou peji. Início normalmente minhas obrigações na manhã da data previamente escolhidas, depois todos os itens preparativos já organizados faço as preces e orações ao Deus pai da cultura cristã, com o cântico e oramos o Pai-Nosso e as Ave-Marias para prosseguir com a oferenda indiciada inicialmente a Exu Orixá da esquerda) que dentro da Umbanda é também cultuado e considerado o protetor da casa. Ele é o primeiro a ser servido após as oferendas; eu e os filhos de santo fazemos o procedimento padrão, após o Pai-Nosso incensamos a casa e os participantes retirando todas as impurezas para prosseguir, louvamos ao protetor da casa e fazemos os cortes, em minhas obrigações costumo oferecer frangos e galinhas para ser sacrificado, a pessoa a qual o sacrifício está sendo ofertado se posiciona à mesa, que é posta sobre o chão forrado, higienizamos os animais ainda vivos e passamos em volta da pessoa, depois fazemos a matança. Algumas partes são retiradas para ser colocado em uma porcelana de barro que será posicionada no assentamento de Exu, (pés, cabeça, rabo), neste momento é comum os Orixás descer à terra, incorporado em seus carnis (15 de outubro, 2024).

Em um ritual nada se perde pois esses são os alimentos cozidos e ofertados para o público, nesse sentido compartilham para as pessoas valores fundamentais, o não desperdiçar alimento, acolher a todos e compartilhar.

Ao iniciar a gira no Terreiro Rainha do Mar, o pai de santo canta para Exu que é o protetor da casa e responsável por abrir os caminhos e proteger a gira, na mesma linhagem de Exu existe o Exu tranca ruas que é um exemplo de catiço⁵ cultuado em todas as giras, inicia com o seguinte ponto:

Seu tranca rua, seu tranca rua
me abra as portas e fecha as ruas
Seu tranca rua dá uma volta lá fora,
quem for bom bota pra dentro,
quem for ruim deixa lá fora.

A matança (sacrifício ritual) constitui a primeira parte do ritual; sua abertura ou não ao público é uma decisão que cabe ao zelador ou dono do Terreiro. Nesse momento, são imolados animais como galinhas, frangos, galos, carneiros, bodes e, em ocasiões específicas, bois. Josias retrata:

O animal não pode ser maltratado, antes daquilo ali, o Orixá vai montar naquele animal. Se for um boi por exemplo, o ano que vem a gente vai fazer a festa aqui; a

⁵ catiço é o nome que dá linhagem de Exu e pomba-gira que são "divindades" da Quimbanda e que são cultuados na Umbanda.

gente vai buscar o boi e trazer no som do tambor, o Boiadeiro vai descer em terra. Ali em dona Lissinha no Quebra-Coco⁶, ela faz a obrigação do boiadeiro dela todo ano, ela vai buscar o boi no curral, coloca o chapéu, e o boi vem no som do tambor, não se bate, não berra. Tem casos que nem precisa derrubar o boi, tem entidade que tem o sustento forte que sangra em pé (15 de outubro de 2024).

O cuidado com o alimento desde o manejo a preparação da carne, faz parte do processo. A depender da *firmeza*⁷ da entidade e do pai-de-santo a matança ocorre de modo tranquilo, como se o animal entendesse o que iria acontecer e fosse conivente com tudo isso.

Nesse Terreiro, especificamente a matança ocorre de modo sigiloso e apenas pessoas selecionadas participam, os animais ofertados costumam ser frangos e galinhas, bodes e bois, a depender do que é solicitado pelo falangeiro ao carnal⁸, os animais costumam ficar resguardados para o evento, são lavados, incensados e sangrados durante o rito que é acompanhado de palmas, batuques e cantorias, nesse momento também é evocado o nome de Deus através de pontos, vejamos a seguir:

Peço perdão a meu Deus do céu
Peço perdão a meu pai oxalá,
Se é pecado eu lutar com sangue
É com sangue que eu vou curar

Através do ponto ele está pedindo licença a Deus e a Oxalá, que é o pai maior dos Orixás quando está 'cortando' e está mexendo com o sangue, pois é com o próprio sangue que ele está curando. Quando se vai incensar o ambiente, também se canta dessa forma:

Estou louvando, estou incensando
A casa do Bom Jesus da Lapa.
Dessa forma, pra saudar a casa canta:
Essa casa tem quatro cantos,
em cada canto uma janela
o divino espírito santo é quem toma conta dela.

Tudo está relacionado, não tem Orixá sem o Santo e não tem Orixá sem Deus. Após a matança e oferendas faz-se uma pausa para limpar o espaço e iniciar os preparativos das comidas, o primeiro a ser cozido é o frango e a galinha, cozidos separadamente, em seguida todos os outros itens (macarrão, arroz, verduras, vatapá). A festa continua após toda a comida estar pronta. Segundo Josias:

⁶ Quebra-Coco é um município próximo a Caém, mas, que pertence a cidade vizinha, Saúde.

⁷ Firmeza refere-se a tempo e qualidade de devoção, é algo que se constrói a partir da relação do carnal e da entidade.

⁸ Pessoa que teve seu pedido concedido pela entidade e está cumprindo com a obrigação de dar a festa.

Finalizamos os preparativos das comidas sempre ao final da tarde e é no início da noite que retomamos a festa, como procedimento padrão iniciamos com as orações e cantos de origem cristã, para em seguida os específicos da religião Umbanda, acontece a defumação com ervas específicas posta sobre as brasas de um pendente de metal, sob a mesa forrada ao chão repleta de doces, bolos e guloseimas sentam-se sete crianças de ambos os sexos, as cantorias faz vir à terra os Erês, entidades de criança que incorporam nos carnavais e fazem a diversão daquele lugar (15 de Outubro de 2024).

Quando finaliza a mesa os itens são recolhidos e novamente é feita a higienização para em seguida ser servido os demais participantes. Todos bem alimentados tocam os atabaques para a chamada dos demais Orixás, sendo alguns fluentes no português brasileiro, dão conselhos e conversam com as pessoas. Entre gritos e gargalhadas descem as demais entidades, bebem cachaça, fazem graça até decidirem ir embora, a festança pode durar um dia inteiro e uma noite ou até mais, após concluída toda a festança acontece a queima da pólvora e o fechamento do Terreiro, dessa forma, finaliza-se o cumprimento da obrigação.

2.4- O fortalecimento dos Terreiros na zona rural

A perseguição às religiões de matriz africana foi um dos fatores que motivaram a migração dos centros urbanos para a zona rural, cenário que favoreceu o surgimento dos primeiros centros de Umbanda. Esse ambiente rural foi propício também ao cultivo de plantas medicinais, a experimentos e à busca pela cura, já que a distância da "civilização" implicava dificuldade no acesso a produtos industrializados. Esconder-se e adaptar-se foi, portanto, uma estratégia de sobrevivência.

Sendo Caém uma cidade com pouco mais de 60 anos, seu povoamento deu-se a partir de um ambiente rural. Sem acesso a hospitais e com apenas um posto de saúde atendido por médicos mensalmente, parte da população recorria à medicina popular para que, por meio dela e da fé, alcançasse a cura para suas enfermidades. É dessa forma que o apreço pela Umbanda e o respeito pelos Pais de Santo se constroem. Em suma, limitar-nos-emos aqui ao ponto de vista daqueles que dominam esses saberes.

Nesse sentido, os remédios e rezas que popularmente ficaram conhecidos na região não foram criados originalmente por caenenses, mas possuem profunda influência africana e indígena; em contrapartida, mantêm uma relação intrínseca com a realidade do município quanto à sua adesão e utilização em massa. A relação entre a ciência e o saber popular foi, por décadas, objeto de análise, evidenciando que ambas podem estar interligadas, servindo de subsídio uma para a outra.

Contudo, toda civilização nasce vinculada a concepções de sagrado e profano; fenômeno semelhante ocorre em Caém, sob forte influência jesuítica. Os Terreiros foram criados como espaços de oração e propagação da fé, onde os rituais envolvem não apenas os líderes, mas também filhos de santo e simpatizantes. Como manutenção dessa fé, realizam-se obrigações no espaço ritualístico, onde uma misticidade marcante permeia os preparativos do Bori, preservando tradições ancestrais. Sobre isso, Josias afirma:

Lá em vó não tem mais filho de santo ativo. Aqui a gente cultua o ano todo, para o desenvolvimento do médio e filho de santo, lá em vó, no dia do carurú louva todos, mas aqui a gente divide, toda gira louva todo mundo, mas cada um é específico, cada um dá a sua comida, cada um é uma coisa diferente (18 de março, 2025).

No Terreiro Rainha do Mar, cada filho de santo possui um dia específico no ano para festejar; esses eventos ocorrem geralmente em datas fixas, em razão de promessas firmadas entre as entidades e aqueles que as zelam, podendo o compromisso ser vitalício ou por tempo determinado. O indivíduo que mantém sua obrigação em dia, mas, por algum motivo, venha a cortar laços com a entidade, deixando de zelar por ela, está sujeito a desordens em sua vida financeira, na saúde e no espírito. Josias relata:

Eu estou zelando do meu Santo aqui, estou vivo hoje por conta de meu santo, minha casa está em pé por conta de meu santo, eu estou comendo e bebendo por causa de meu santo; então não é que o santo vai fechar o caminho da pessoa, eu estou cuidando dele e ele está zelando de mim, a partir do momento que eu paro de zelar dele, ele não tem obrigação mais. Já em caso de morte, tem Santo que entende que a pessoa acabou sua missão aqui na terra, se sua mãe prometeu que faria algo para a entidade em troca de uma benção, caso consiga e posteriormente venha a falecer ela não tem mais obrigação e nem seus descendentes (18 de março de 2025).

Segundo ele, isso não ocorre por vingança da entidade; a desordem seria, antes, o resultado das próprias escolhas e da desorientação do indivíduo, uma vez que a entidade atuava como uma força norteadora para os bons caminhos. Não existe um pacto eterno: a qualquer momento, a entidade pode deixar de zelar pelo indivíduo se as suas necessidades rituais não forem supridas. Da mesma forma, o indivíduo pode, a qualquer tempo, deixar de zelar por sua entidade, embora o "carnal" seja o único prejudicado com o fim dessa aliança.

Na festa de Caruru desse Terreiro, umas das formas de devoção, ocorre a incorporação de entidades que são chamadas de "Orixás de Angola". Eles são considerados ancestrais e comunicam-se em sua língua de origem. Há também a incorporação dos Caboclos, que falam em língua portuguesa. Todos são homenageados em reconhecimento às benfeitorias e auxílio prestados ao carnal em questão. Prandi, em seu trabalho sobre as Encantarias brasileiras traz a figura do Caboclo descrita como:

...comunicativo e de proximidade direta com o público que frequenta os Terreiros. Eles brincam, entoam cantigas e tiram pessoas para dançar ao som de seu alegre samba. Além da animação, outra característica marcante é o seu poder de cura e disposição de ajudar os necessitados, mais a sabedoria (PRANDI, p. 58, 2009).

Em concordância com essa afirmativa, pude contemplar os relatos de Josias que reafirmam as teses de Prandi quanto à figura do Caboclo nos Terreiros de São Paulo. Estabelece-se uma relação de poder, cura e conhecimento da mata, além de sua função como bom conselheiro; nesse sentido, é possível destacar as inúmeras semelhanças entre as entidades cultuadas em ambas as regiões. Tal entidade é vista como uma intermediadora entre o homem e a natureza, sendo seu conhecimento químico e biológico repassado ao médium.

Os Pejis e o Carurú são formas de agradar a entidade por meio de festas; entretanto, há uma diferença notória no trato. Não há tanto rigor ritualístico no Peji quanto no Caruru: o primeiro assemelha-se a um "samba de roda" e tem a funcionalidade de cativar e presentear o Orixá da casa para manter os vínculos, sem o mesmo rigor na preparação do alimento oferecido aos visitantes. A incorporação ocorre mediante o som dos atabaques, cuja tríade instrumental guarda uma energia superior com o poder de convidar as demais entidades; contudo, nessa festa específica, apenas os Caboclos se manifestam.

A Umbanda divide-se em várias ramificações, destacando-se a Linha Branca e a Linha Preta — equivalentes à Direita e à Esquerda. As entidades da segunda são mais ativas na chamada Quimbanda, religião associada à Umbanda e responsável pela aplicação da justiça. Segundo Pai de Santo Josias, esta pode ser utilizada para beneficiar um indivíduo em detrimento de outro, sendo comum a confecção de "despachos" e "vodus" que, quando mal-intencionados, são usados de forma vingativa para atrasar a vida de outrem, amarrar sentimentos ou agravar doenças. Sobre isso, Josias afirma em quinze de outubro de 2025: "O ritual da Quimbanda é macabro. Todo Exu de Quimbanda pura é cruzado com o Demônio mesmo". Autores como Magnami em 2002 reafirmam essa visão.

As entidades dividem-se, basicamente, em espíritos de luz (ou da direita) e espíritos não evoluídos (ou da esquerda). Tanto uns como outros encontram-se em diferentes estágios de progresso espiritual: os mais atrasados na escala evolutiva, muito próximos ainda da matéria são os exus, cuja representação iconográfica os aproximaria da figura do diabo da tradição cristã. No panteão do candomblé, porém, Exu é considerado o orixá que estabelece mediação entre o mundo dos homens e o dos deuses: não evoca o mal, mas a ambigüidade, a passagem, a comunicação. Na Umbanda, o correspondente feminino de exu é a pomba-gira, que geralmente assume a forma estereotipada da prostituta.⁶ Exus e pombas-gira são antes representações coletivas do que espíritos individuais; para se designar espíritos de mortos individualizados usa-se o termo eguns. Estes, antes de iniciar seu processo evolutivo - neste caso considera-se que permanecem vagando, podendo inclusive afetar as

pessoas - são nomeados pelo termo quiumbas. Não provocam transe, mas, como se verá, uma perturbação. Os espíritos de luz, que trabalham na direita, quando baixam no Terreiro e se apossam do corpo dos médiuns, assumem posturas corporais e exibem adornos que permitem identificar sua origem: são os já citados caboclos, pretos-velhos, marinheiros, etc. Cada uma dessas categorias, agrupadas em linhas, atendem a pedidos específicos, "especializam-se" em determinadas doenças e problemas. Assim, por exemplo, exus e pombas-gira atendem a casos que envolvem dinheiro, sexo, desavenças de ordem afetiva; espíritos de luz, como caboclos e pretos velhos não se envolvem com tal tipo de questões: dão conselhos, receitam remédios de ervas e raízes, insistem no fortalecimento espiritual, abrem caminhos (MAGNAMI, 2002, p.05 e 06).

Contudo, todo Orixá pode ser utilizado para o bem ou para o mal, quem determina essa aptidão é opai de santo diante da maturação da espiritualidade, é preciso educá-lo de acordo a necessidade e o objetivo que se tem.

2.5- Dos filhos do Terreiro e simpatizantes

O pai-de-santo é visto na cidade de Caém como uma figura importante e respeitada, mesmo por aqueles que não são praticantes, há uma prerrogativa que assimila a imagem desse líder religioso ao bem e ao mal, ele em muitos casos à sua figura remete o sentimento de medo. Em entrevista Andrezza Carneiro⁹, 30 anos, mulher, parda, e frequentadora de casas de Umbanda na cidade diz que:

Eles são respeitados pelo conhecimento de vida, dão bons conselhos e estão no centro de uma balança entre o bem e o mal, eu sei que mesmo se ele não quiser fazer mal a alguém ele tem o poder de fazer, isso nos deixa apreensivos. Sem contar que conhece também a natureza e todo remédio que por ele é orientado dá certo, a gente vê verdade no que ele faz por conta do que presenciamos (04 de Novembro de 2024).

O perfil dos adeptos da Umbanda no Terreiro Rainha do Mar é marcado por uma forte presença feminina. De modo geral, as mulheres atuam em todos os setores, desde as atividades voltadas à alimentação do público até a incorporação ritualística. De diversas idades, elas se aliam à religião em busca da cura para seus males, embora também existam homens e crianças guiados pelo Orixá até o Terreiro, seja pela dor ou por outras formas de chamado.

A fé que mantém a casa viva perpassa diferentes classes sociais, sendo influenciada tanto por autoridades locais, que protegem o espaço, quanto por uma grande quantidade de adeptos que a frequentam, de modo sigiloso ou não. Por ser uma religião de matriz africana originada nos subúrbios, é notável a elevada presença de negros e pardos. Geralmente, a procura pelo serviço ocorre por indicação ou conhecimento prévio, sendo raro o uso de panfletos ou

⁹ Andrezza Carneiro é uma mulher, parda, 30 anos, empreendedora que frequenta os Terreiros por simpatizar com a Religião, entrevista concedida em 04 de novembro de 2024.

meios formais de divulgação. Ao entrar na casa de Umbanda Rainha do Mar, o visitante já é esperado; a entidade comunica ao Pai de Santo o que ele procura e, em uma espécie de anamnese espiritual, descobre-se a raiz do problema e inicia-se um tratamento único e específico.

O Pai de Santo Josias afirma que não existe um perfil exclusivo de consulente; a busca varia entre etnias, gêneros e classes sociais. O que move o indivíduo é a necessidade: quando não restam alternativas convencionais para sanar seus problemas, o Pai de Santo é procurado. No Terreiro, seguindo sua visão, acredita-se que tudo se cura, partindo do princípio de que o carnal e o espiritual estão conectados; assim, não haveria cura para uma "doença da carne" (tratada pela medicina tradicional) se o espiritual não estivesse em homeostase.

Nesse contexto de curas e promessas, surgem também as "casas de fé". Propriedades de filhos de santo ou ex-praticantes que, por algum motivo, deixaram de frequentar o Terreiro de origem, essas casas tornam-se espaços para zelar pelo santo na própria residência. Muitas vezes marcadas por um forte sincretismo católico, seus patriarcas e matriarcas frequentemente afirmam não possuir "cargo" no Terreiro, mas cumprem obrigações anuais — como a entrega de doces no dia de Cosme e Damião ou o caruru tradicional — em razão de promessas alcançadas. Há uma relação de troca: oferece-se o caruru para receber uma benfeitoria, sendo a cura de enfermidades o pedido mais frequente. O Terreiro funciona como o intermediário dessa mediunidade, onde a cura resulta da relação entre espaço, médium, entidade e fé, gerando uma dedicação que se torna, muitas vezes, um compromisso para a vida inteira.

3. PRÁTICAS DE CURA NA UMBANDA DE CAÉM-BA: O CASO DO TERREIRORAINHA O MAR

3.1- A manifestação do dom

Em 1988, a Constituição Federal brasileira reconheceu a existência de bens culturais de natureza imaterial. Tais bens dizem respeito às práticas exercidas na vida social que são repassadas oralmente de geração em geração — como o "saber-fazer" —, englobando celebrações, remédios e orações. Quando expressas, essas práticas remetem a um sentimento de identidade e continuidade de um povo, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A medicina popular e os rituais de cura praticados nos Terreiros de Umbanda, por sua vez, constituem um dom sobrenatural que se insere nesse conceito. Eles requerem ensinamentos transmitidos pelos Guias — também chamados de entidades espirituais que regem os Terreiros — após a seleção de seus aprendizes. Contudo, trata-se também de um aprendizado adquirido oralmente, pois o conhecimento das ervas ultrapassa os limites do segredo sagrado dos Terreiros, sendo ensinado pelos praticantes veteranos aos novos iniciados.

A medicina umbandista embora exista muito antes se fortalece ainda mais em um período em que a educação e a saúde não eram acessíveis ou, quando disponíveis, apresentavam-se sucateadas. Em Caém, tais práticas são utilizadas desde quando a localidade ainda era uma vila dependente de Jacobina. Naquela época, aqueles que detinham um saber científico formal, aliados à descrença nos medicamentos fornecidos por curadores e Pais de Santo, frequentemente consideravam essas práticas uma espécie de charlatanismo.

Conforme a definição do dicionário *Dicio* (2025), o "dom" é uma habilidade ou talento inato, natural do indivíduo, que se manifesta em diversas áreas. Sua etimologia vem do latim *donum*, que significa "oferenda aos deuses". Na Umbanda, o significado da palavra preserva essa essência: Um presente das divindades, especificamente das entidades.

O dom costuma ser descoberto ainda na infância, momento em que o indivíduo passa a ter visões e premonições. Um estado limiar entre a "loucura" e a sanidade são percebido por familiares até que providências sejam tomadas. Tais medidas geralmente seguem dois caminhos: o da medicina tradicional, onde a pessoa é tratada por médicos convencionais (psicólogos ou psiquiatras), ou o do tratamento espiritual, fornecido pelo Terreiro por meio de preceitos e oferendas. Não se pode renegar o dom; ele é um presente e, como tal, não deve ser recusado. Em contrapartida, é necessário desenvolver a mediunidade para que seja possível usufruí-lo de forma intencional e objetiva.

Quanto aos que negam o dom medi-único (sic) oracular, negam a si próprios, numa tentativa de não assumir os compromissos que o dom exige de quem se integra a ele. Não querem se envolver com nada além do seu dia a dia. Recusam-se a ver que isso é um bem do espírito, e que é preciso distribuir este bem entre os que ainda não o conquistaram. Preferem sofrer as consequências do desafio ao guardião do seu dom ancestral místico, tomando-se até mesmo ateus, para não assumirem-no, deixando-se absorver por ele. É o caso típico daqueles que não olham no espelho para não se verem refletido (SARACENI, 2017, p.18).

Nesse sentido, conclui-se que, ao receber os poderes espirituais, o médium não consegue utilizá-los de forma imediata e intencional. O dom manifesta-se inicialmente por meio de visões e premonições que possuem significado e importância fundamentais, mas que o indivíduo, isoladamente, não é capaz de decifrar em razão de sua imaturidade espiritual e da falta de controle sobre a própria mediunidade. “Na cosmovisão umbandista é perfeitamente possível combinar a crença no caráter inato da mediunidade (sic) com a necessidade de dedicação e esforço por parte dos adeptos, num processo muito peculiar de interdependência” (BERGO, 2011, p.131).

A descoberta dos poderes espirituais e de cura dá-se de forma gradativa; é um misto de presente da entidade com a lapidação por meio da experimentação e do aprendizado com os mais velhos. É a intuição que, muitas vezes, transforma a botânica em medicamento. A essa intuição, chamo de "voz da entidade", pois, segundo os relatos, é a própria presença do Orixá em terra que ordena o que precisa ser feito.

Correlacionando os relatos sobre a Pajelança na Amazônia com aquilo que foi falado nas entrevistas, observa-se que a descoberta do dom é similar no que diz respeito às incorporações.

É possível reconhecer o dom de nascença quando a criança “chora no ventre da mãe”. O que não deve ser revelado publicamente antes do tempo, sob a pena de a pessoa perder seus poderes. O Pajé, quer seja de nascença ou de agrado, tem uma carreira muito semelhante ao que é classicamente descrito em relação ao Xamãs em várias partes do mundo: um período de crise de vida, em que sofre incorporações descontroladas de espíritos e caruanas, devendo ser submetido ao tratamento de um pajé experiente (mestre) (FURIAN, 2008, p.17).

Na Amazônia, a descoberta do dom é algo místico e sagrado que não deve ser exposto de imediato. O indivíduo sofre incorporações e entra em um estado de sonolência, no qual o espírito do "carnal" abre espaço para que a entidade se aproxime e o possua. A partir desses episódios, ele passa a ser orientado por um Mestre, que lhe ensinará a equilibrar sua vida e suas aptidões por meio de cerimônias, assim como ocorre na Umbanda. Tais rituais apresentam características similares, como o uso do cigarro, de bebidas e de defumações.

Em alguns casos as perturbações, tanto físicas como mentais - fraqueza, desmaios, dores de cabeça, visões, convulsões - são consideradas não doenças propriamente ditas, mas sintomas de medi-unidade (sic). A pessoa que possui essa capacidade e não sabe, ou se sabe e não quer aceitá-la pode sofrer uma série de distúrbios. (MAGNAMI, 2002, p.07)

Roger Sansi, traz uma dialética que percorre a ideia de habilidade inata do indivíduo complementando com a afirmação de que é através da iniciação que ele é lapidado.

[...] não podemos simplesmente dizer que a iniciação se impõe ao dom, mas o facto é que eles estão mutuamente implicados. O “dom” pode ser tão imprescindível nas religiões afro-brasileiras como a iniciação. O conhecimento que a iniciação perde por esquecimento, desistência e conflitos interpessoais é substituído pela inspiração dos médiuns, que estabelecem através do seu “dom” um contacto directo com os espíritos. Nesses termos, o dom e a iniciação geram uma dialéctica histórica da produção de conhecimento, no qual novos espíritos, objectos e valores são incorporados. (SANSI, 2009, p.142).

Ambos os autores trazem essas mesmas experiências retratadas também na fala do entrevistado Pai Peba, 2024.

Quando criança eu via vultos, sombras de pessoas que já morreram, e elas conversavam comigo, ninguém entendia nada, mas eu sabia que não estava falando só; via em sonhos coisas que estavam prestes a acontecer, visão do futuro mesmo. Aí eu contava para meus parentes e a situação acontecia. As pessoas adoeciam e eu sabia que remédio tinha que usar pra tratar a doença (15 de outubro de 2024).

Josias Neves diz em 2024 que ele descobriu a linha de trabalho no Terreiro de sua avó.

Aos sete anos, eu adoecia muito, e os médicos não explicavam o que causava esses problemas de saúde aí no Terreiro de minha avó eu soube que precisava zelar do meu santo, e nos búzios que descobri a minha linha de trabalho, aí comecei o processo de lapidar minha espiritualidade (18 de março, 2025).

Em ambos os casos, a descoberta ocorre ainda na infância, seja por meio da dor — através de doenças — ou pela manifestação do inusitado e do sobrenatural. De toda forma, esses episódios representam os meios pelos quais a espiritualidade se manifesta.

Nos rituais do Terreiro Rainha do Mar, a ordem cronológica inicia-se com a percepção do inusitado, quando o indivíduo demonstra aptidões incomuns. Em seguida, ele é orientado a visitar o Terreiro, onde são jogados os búzios para diagnosticar a situação. Após esse momento, descobre-se a tríade que compõe a cabeça do indivíduo e realiza-se a confirmação. Durante um determinado período, o enfermo precisa passar por sessões de descarrego, manter jejuns, resguardar-se e alimentar a entidade por meio de energias; é um tempo de devoção necessário para, posteriormente, obter-se o que foi solicitado. Após a conquista da cura, o indivíduo passa a prestar homenagens à entidade através de oferendas, que ocorrem nos Carurus e Pejjs.

Figura 3- Festa de Carurú



Fonte: Stephanni Carneiro, 2025.

O registro de uma festa de Caruru em homenagem aos Erês — entidades infantis que, geralmente, atuam como agentes de cura para toda e qualquer enfermidade — revela seres alegres, expansivos, carinhosos, puros, mas também irritáveis. Embora muitos ainda vejam essas entidades de forma inferiorizada por se tratar de espíritos de crianças, elas possuem, em contrapartida, tanto poder quanto os demais Orixás. A festa é marcada por uma decoração impecável: o rosa e o azul aparecem como elementos centrais para identificar os homenageados; cestas de doces, bolos e brigadeiros denotam que ali se encontra a representação nítida de uma celebração infantil. Tudo é preparado para agradá-los.

Rubens Saraceni 2017 descreve os Erês de forma similar ao observado em pesquisas de campo.

Assim como Oxóssi fornece caboclos para desenvolver os trabalhos nas linhas de força ativa, Oxalá, Iemanjá, Oxum etc. fornecem espíritos na forma de crianças para atuar nas linhas de força dos elementos. Estas “crianças” possuem as características do elemento em que atuam. [...] Preferem as consultas, e em seu decorrer vão trabalhando com seu elemento de ação sobre o consulente, modificando e 59 equilibrando sua vibração, regenerando os pontos de entrada de energia do corpo humano. Por isso são considerados curadores. [...] Preferem as consultas, e em seu decorrer vão trabalhando com seu elemento de ação sobre o consulente, modificando e 59 equilibrando sua vibração, regenerando os pontos de entrada de energia do corpo humano (SARACENI, 2017, p. 59).

Os Erês, assim como as outras entidades da Umbanda, fazem-se presentes no cotidiano daqueles que os têm como "entidade de cabeça". Consequentemente, trazem características próprias da entidade que passam a compor a personalidade do "Carnal". Na medida em que essa aliança é formada e a entidade passa a guiar os passos de seu protegido, este, por obrigação, realiza suas reverências, rituais e oferendas como forma de retribuição e reconhecimento à dedicação espiritual recebida.

3.2- Práticas e rituais de cura

A Umbanda em Caém, fortalecida por fundamentos multiculturais, traz consigo a ideia de graça e desgraça, fundamentada nos conceitos de fortúnio-infortúnio que diz respeito aos bem-estar oferecido a partir da concepção que, a entidade ou a religião abençoa e faz progredir a vida do indivíduo na medida que ele conserva e alimenta sua fé

A função básica dessas religiões seria dar sustentação ao fluxo da vida, porque a felicidade não seria algo a ser atingida no além vida, após a morte, mas, buscada e vivida no cotidiano, no dia a dia da existência. O Candomblé apresenta-se, nesse sentido, como uma forma de dá sustentação a vida, sejam eles nos bons e/ou maus momentos: do escravo, do africano, do crioulo, do índio, do cigano, do branco pobre, ou seja, dos desvalidos, conduzindo o homem em sua trajetória existencial, ajudando-os a atravessarem o oceano durante as tormentas e tempestades, e, também, durante a calmaria. Minimizando e prevenindo as desventuras, a má sorte, e os infortúnios sejam eles de ordem econômicas provenientes de uma falência ou desemprego, problemas com moradia, doença crônica ou mortal, problemas conjugais, sexuais, amorosos, problemas com filhos, parentes ou amigos, e, maximizando a ventura, a boa sorte, a fortuna no trabalho, nos negócios, com a saúde, com amor ou paixões, e graças familiares (TURNER, apud VELAME et al., 2018, p.2).

Turner, embora refira-se ao Candomblé em sua pesquisa traz visões que persistem na Umbanda, de modo que a vida do indivíduo passa a ter melhorias a partir do momento em que a fé é alimentada, em-contrapartida a vida do indivíduo passa a ter desventuras, maus momentos, quando essa fé não é colocada em prática. Concomitante a isso é dito pelo interlocutor Josias Neves.¹⁰

A partir do momento que a pessoa corta ligação com o Santo, ele também não tem mais obrigação de ajudar ela, primeiro que ele não vai tá fechando os caminhos, não vai tá batendo. A pessoa está recebendo aquilo que é resultado de suas escolhas. Entidade nenhuma carrega maldade e mágoa. Se porventura a vida dela sem o santo começar a desandar isso é resultado das escolhas dela, a entidade ajuda, coopera para o bem, mas não é vingativo a ponto de arruinar a vida da pessoa. (15 de outubro de 2024).

A cura é a libertação de uma enfermidade ou de um estado de privações e adversidades; em outra definição, remete também à ausência de doença, seja ela visível ou não. Para a Umbanda, existe uma conexão intrínseca entre a carne e o espírito: estando em homeostase, mal algum se aproxima ou se apropria do indivíduo. Pelo mesmo motivo, a escassez desse equilíbrio gera vulnerabilidade a tais "pragas". Na busca pela cura, a Umbanda torna-se, muitas vezes, o último recurso a ser procurado.

Quando o indivíduo apresenta uma determina patologia, na qual já foi recorrido a uma avaliação médica e nada foi diagnosticado, e mesmo assim, o indivíduo sente-se em um estado de enfermidade, na qual sente todas os sintomas. Logo após ele recorrer a ajuda religiosa na qual tem o contato com diversas experiências e as vezes não há êxito, então a cura é procurada na Umbanda (18 de março, 2025).

Sendo assim, quando o indivíduo busca a religião para solucionar seus problemas de saúde, ele se entrega à entidade. Com ela, qualquer elemento — seja natural ou não — pode ser eficaz para o exercício de seu trabalho, pois tudo aquilo que os olhos podem ver e o que não podem ver tornam-se objetos de tratamento e cura. Os serviços prestados pelo Pai de Santo são classificados em sessões, que podem ser de limpeza espiritual, Ebó ou cura de toda e qualquer

¹⁰ Entrevista concedida por Josias Neves em 15 de outubro de 2024.

enfermidade: desde problemas na coluna e fadiga até desmaios, quebranto e cortes de difícil cicatrização. Não existe doença em que a Falange, o Orixá e o Pai de Santo não possam intervir para promover a solução. Em entrevista, Josias descreve um de seus trabalhos:

Por exemplo, se for uma coisa espiritual, sai nos búzios, se for uma coisa de médico também vai sair, o homem do Caldeirão mesmo, estava com um doença na perna e não conseguia andar de jeito maneira, foi uma quedinha besta e por causa dessa quedinha as pernas paralisou e ele não conseguia andar. Então, o que é que acontece, fora a parte material, existe a parte espiritual. Ele tinha saltado uma coisa, e foi o motivo disso. Para a parte médica é uma doença incurável, ele foi em vários médicos e não achou o motivo, não tinha sido quebrado nada. Mas, ele não tinha mobilidade. Uma situação dessa foi feita a limpeza, já está bem melhor... se tiver a necessidade ele pode fazer uma promessa a um orixá de cura Obaluaê, Omolu, Preto velho. E se ele voltar a andar, em tal data, ele paga a promessa com carurú, obrigação, mesa¹¹. (18 de março, 2025).

Rita de Castro e Girsela Villacorta no artigo *O ofício de benzer como uma produção de conhecimento no município de Tracuateua-PA- Amazônia-Brasil* discorrem sobre o ofício de benzer no município de Tracuateua, uma cidade no estado do Pará, onde analisa casas de Umbanda. As autoras analisam como (a população ou os praticantes) compreende e adere a essas práticas sendo uma tradição milenar e justifica as falas do entrevistado quando menciona a demanda de seus serviços.

Entende-se que seja necessário haver uma conexão entre conhecimentos, onde o saber científico possa reconhecer que o benzimento não é uma “crendice”, mas sim um saber diferenciado, um conhecimento como outros que utilizam o sagrado, as orações e as plantas transmitindo transformações na vida daqueles que procuram alternativas ou elementos complementares na busca para a cura ou um infortúnio, contribuindo de forma acentuada para somar aprofundamento teórico sobre os elementos simbólicos e religiosos, mas também formas de habilidades que seguem resistindo, através de seus saberes e domínios diversificados de conhecimentos (CASTRO e VILLACORTA, 2020, p.158).

A doença ou o infortúnio são percebidos antes mesmo de a consulta ocorrer. Ao adentrar no espaço sagrado, o Pai de Santo — que possui poderes mediúnicos — vê e ouve tudo o que está se passando na vida da pessoa; em alguns casos, ele é brevemente avisado antes mesmo da visita ao Terreiro. Sobre essa questão, Josias Neves afirma:

Antes de jogar os búzios eu já consigo prever o que está acontecendo, por detrás da gente sempre a entidade tá. Quando a pessoa chega aqui eu vejo coisas que ela não consegue ver, se for um Egum eu vejo. -Um dia desses chegou uma mulher com um homem barbudo do lado, aí é o Egum- Se a pessoa chegou com olhado eu já vejo o olho quebrado, a feição da pessoa já diz. Eu também sinto a energia, querendo ou não a pessoa vem com a energia pesada, fora isso meu Orixá já avisa. - a peneira é mais

¹¹ Caruru, obrigação e mesa costumam ter o mesmo significado entre os adeptos a Umbanda em Caém, as palavras referem-se à festa de devoção.

pra pergunta específica- Questão de doença, geralmente chegou aqui, eu o a entidade já sabe (18 de março, 2025).

De imediato é perceptível a glória recebida nos sintomas de leveza e paz, energia reestabelecida, relatados pelos pacientes, e nos objetos utilizados que recebem a energia ruim de imediato começam a se deteriorar as folhas que murcham, a mão do pai-de-santo pesa. Em consonância com as falas de Josias Neves, Magnani diz:

São incontáveis os casos de pessoas que, por motivo de doença, conflitos familiares, questões afetivas, problemas econômicos e distúrbios psíquicos, recorrem aos cultos denominados afro-brasileiros - entre os quais se enquadra a Umbanda - em busca de alívio para as mazelas do corpo e aflições da alma. (MAGNANI, 2002, p.197).

Todavia, a cura tem uma relação intrínseca com a fé, ela só vai acontecer se a pessoa que procurar o pai-de-santo tiver consciência, fé e compromisso com aquilo que está sendo feito, caso contrário não surtirá efeito algum.

Se a pessoa tiver a vontade de cuidar dela a gente faz, tudo é uma questão de querer, se a gente fizer uma obrigação aqui e tiver ouro pro Orixá, se a pessoa não tiver com a cabeça boa, se ela estiver se desfazendo daquilo ali, é o mesmo que não está fazendo nada. Acima de tudo o que carrega a gente é a fé, pro Orixá aquilo ali não vale de nada- você pode dar um grão de arroz, com fé a sua vida vai prosperar (18 de março, 2025).

Em geral não se é cobrado pelas consultas, mas sim pelo material utilizado no qual pode ser comprado pelo paciente ou até mesmo pelo pai de santo. Em entrevista Fábio Assunção (nome fictício) disse que procurou o Terreiro após ser dado como louco/depressivo onde iniciou seu tratamento com medicação padrão fornecida pelos profissionais de saúde; sua então companheira, na época já frequentava Terreiro Rainha do Mar, quando o apresentou.

Após algumas sessões de limpeza foi descoberto pelo pai de santo que a origem do seu problema estava intrinsecamente relacionada a maldade que outrem tinha feito em seu nome, para resolver a situação era preciso intervir e fazer o santo de cabeça de Fábio, é nesse momento que começa a preparação e domesticação da entidade, onde ela passa a ser zelada e cultuada. Fábio Assunção diz

Zé Pelintra foi um divisor de águas na minha vida, ele retirou a perturbação da minha mente, a loucura que eu tinha foi sanada após estabelecer meu compromisso com Seu Zé, e de lá pra cá tenho feito tudo pra lhe agradecer pois não quero nunca voltar a ser quem eu era, aqui tu fizeste esse assentamento pra ele, mas, ele está presente na minha vida o tempo todo, dentro e fora daqui” (ASSUNÇÃO¹², 18 de março, 2025).

¹²Fábio Assunção é o nome fictício de um interlocutor; pardo, entre 20 e 30 anos, pedreiro, e que é um dos integrantes do Terreiro Rainha do Mar, entrevista feita em 15 de março de 2025.

São inúmeros os casos em que através da dor a pessoa é levada ao Terreiro e curada. Peba vaqueiro, outro colaborador, amante do Orixá Boiadeiro diz:

A Umbanda entrou na minha vida desde muito pequeno, através dela ouvia vozes, via vultos e sonhava acontecimentos futuros, tudo que eu sei e faço é uma mistura do que aprendi com os Orixás, assim como a arte de curar, na minha casa que se divide em duas Cedro e Gonçalo já chegou pessoas em cadeira de rodas que saíram de lá caminhando, já chegou mulheres com câncer de mama e no ovário que saíram de lá curadas, mas isso não fui eu que fiz é quem me rege que me dar esse dom livrando as pessoas (15 de Outubro de 2024).

A sensibilidade do Pai de Santo ultrapassa a arte de curar. Em situações rotineiras, foi relatado por Pai Peba que ele passava noites em claro sempre que previa um de seus filhos atravessando momentos conturbados, fossem brigas, perseguições ou quaisquer outros problemas. Da mesma forma, ele era avisado previamente sobre quando o Terreiro teria visitantes e quais problemas os acometiam. Nesse contexto, o jogo de búzios e as cartas, praticados por ele, funcionam como uma espécie de confirmação do que já fora revelado espiritualmente.

2.3 A cura pelas ervas

Para cada enfermidade a entidade incorporada decide aquilo que precisa ser feito, partindo de orações, chás, banhos e seções de limpeza. O Ebó, que é um ritual de limpeza corporal é geralmente feito pelo babalorixá em seu estado natural, já as doenças mais específicas precisam do intermédio de uma entidade Josias diz que:

No decorrer da consulta individual as diversas entidades baixam, na qual todos avaliam o cliente, avaliação essa que irá determinar se caso a ser diagnosticado é algo espiritual ou clínico. Ao concluir que a enfermidade do indivíduo é voltada ao campo espiritual, começa-se novos rituais no intuito de abrir os caminhos do paciente, trazer luz, tirar o mal olhado, derrubar as barreiras, ou seja, tirar de perto do cliente toda a negatividade que possa atrapalhar sua vida pessoal, profissional e amorosa (18 de março, 2025)

No conceito de Gomes e Pereira (2004), o misticismo por traz dos rituais de cura “é uma linguagem oro-gestual com a qual algumas pessoas – detentoras de poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa”. A cura parte de uma crença de desequilíbrio entre o mundo real e o sagrado, essa desarmonia provoca alterações na saúde física e mental. Magnami confirma e acrescenta que:

Assim, costuma-se distinguir, em primeiro lugar, as doenças cármicas: são as decorrentes de uma provação pela qual a pessoa deve passar em razão de faltas não expiadas que seu espírito, do qual o corpo é mero invólucro, tenha cometido em vidas anteriores. Neste caso resta apenas resignar-se porquê da aceitação do sofrimento

presente depende a evolução do espírito rumo à perfeição. Geralmente tal tipo de explicação aplica-se a enfermidades congênitas.

Há também perturbações causadas por outras pessoas: são o resultado de influências negativas por causa da inveja nas relações afetivas, profissionais e também por causa de feitiços e encantamentos encomendados por desafetos. Se no primeiro caso o malefício é interpretado como resultado de fluidos negativos, no segundo é produzido diretamente pela manipulação de forças espirituais através de ritos e objetos mágicos. Finalmente, há as doenças causadas por encosto: no último plano da escala evolutiva estão espíritos ainda sem luz, os quiumbas, que vagam sem destino e podem apossar-se das pessoas (nas quais encostam). Quando isto acontece, essas pessoas ficam perturbadas, com dores de cabeça, desmaios, compulsão ao suicídio, têm convulsões e até mesmo distúrbios físicos. Se o encosto chega a dominá-las completamente, trata-se de uma obsessão: ele toma o lugar do espírito da pessoa o que pode acarretar perturbações mais sérias e até levar à morte (MAGNAMI, 2002 p.198).

Algumas doenças — como "sol de serena", feitiços, encostos e quebranto proveniente da inveja de outrem — são desfeitas dentro do Terreiro. A princípio, o interessado adentra a casa do curador e explica os sintomas; na maioria dos casos, estes relacionam-se a cansaço físico e mental, sono excessivo, falta de apetite e tristeza profunda, entre outros. A partir desse diagnóstico, o Pai de Santo ou curador busca ervas específicas (como vassourinha, arruda e pinhão-roxo) e inicia a reza, passando as folhas sobre o corpo do paciente. Ao final, percebe-se que as folhas murcham, extinguindo a energia pesada que o indivíduo apresentava. Em algumas situações, é necessário repetir o procedimento ao menos três vezes, observando-se o preceito de nunca o realizar após o pôr do sol; Josias Neves afirma:

Sol de Serena é quando a gente tá com a cabeça quente e sai no sereno, daí a moleira fica doendo, o *Ori* fica baixo e a gente sente umas pontadas fortes. Tudo é na reza e banho, a pessoa vem aqui antes do sol se pôr, aí eu coloco um pano branco e uma garrafa de água transparente de cabeça para baixo sob o *Ori* da pessoa e eu faço a reza e a depender passo os banhos, rosa branca, cravo, canela e folha de louro, banho também de folha de alfazema para acalmar o *Ori*; normalmente isso cura em três dias (18 de março, 2025).

Figura 4- Arruda



Fonte: Stephanni Carneiro, 2025)

A *Ruta graveolens*, comumente chamada de arruda, é uma planta medicinal facilmente encontrada nas residências em Caém. Seu cultivo está relacionado às suas propriedades anti-inflamatórias e analgésicas; nos Terreiros, elas são onipresentes, pois integram o conjunto de elementos utilizados pelos Pais de Santo na confecção de "garrafadas", bem como na realização de rezas e defumações.

Figura 5- Vassourinha



Fonte: (Stephanni Carneiro, 2025).

A *Scoparia dulcis*, comumente chamada de vassourinha, é uma espécie considerada por muitos como "praga" devido à sua rápida multiplicação. Frequentemente utilizada na confecção de vassouras artesanais, a planta também possui propriedades medicinais reconhecidas no tratamento de cólicas intestinais e infecções urinárias. No Terreiro, ela é um ingrediente essencial tanto na produção de xaropes e outros medicamentos quanto na realização de rezas e benzimentos.

Figura 6- Pinhão-Roxo



Fonte: (Stephanni Carneiro, 2025).

O *Jatropha gossypifolia*, conhecido como pinhão-roxo, é outra planta facilmente encontrada nas residências de Caém. Embora possua propriedades medicinais como agente coagulante, anti-inflamatório e antioxidante, ela é pouco valorizada por não exigir grandes cuidados em seu cultivo. No Terreiro, assim como as demais ervas citadas, compõe a formulação de remédios e é amplamente utilizada em rituais de reza.

A reza com folhas também é empregada nas sessões de descarrego, acompanhada pelo uso de incenso ou pó de pemba. No caso da pemba, não há uma demanda específica para o consulente comum, exceto no rito de formação do Babalorixá. O poder dessas orações, aliado aos elementos vegetais e minerais, é utilizado para abrir caminhos, proteger e abençoar.

Figura 7- Pó de Pemba Preparado



Fonte: Stephanni Carneiro, 2025.

Outras ervas são cultivadas no espaço do Terreiro Rainha do Mar, como a folha de akokô, essencial para a comida de santo e para o fundamento de Ogum, servida com feijão torrado e

outros alimentos. A alfazema é utilizada em banhos de descarrego; aqui, ela é triturada manualmente e deixada em infusão em água morna com outras ervas, sendo posteriormente esmagada para liberar sua essência. O peregrum de Iansã é empregado tanto na decoração das festas dessa divindade quanto para ornamentar o Orixá Anyá (ou Ayngalu), que reside dentro do atabaque. A pimenta-malagueta, tanto a folha quanto o fruto, é utilizada nas oferendas de Exu, sendo incorporada diretamente aos alimentos.

Em outros casos, os problemas que são tratados no Terreiro e requerem maior atenção por conta da gravidade, são por vezes visíveis a olho nu, como cortes de difícil cicatrização e dores crônicas. Nestes casos, utilizam-se não apenas as rezas, mas um arsenal composto por folhas, incensos, chás, banhos, óleos, pau-ferro, aroeira, velas, cigarros, cachaça e garrafadas. Estas últimas contêm ervas e raízes escolhidas "a dedo" pela entidade incorporada no Carnal — sendo Preto Velho e Boiadeiro as linhas mais recorrentes para tais curas. Tudo o que existe no mundo pode ser transmutado em medicamento, pois a mão da entidade transforma a matéria. Josias afirma que:

Pra corte, as entidades boiadeiro ou preto velho - tem pó¹³ aí preparado que ele usa pra cicatrizar, dependendo, a pessoa saltou uma coisa e corte não quer cicatrizar, a entidade pega uma vela e vai passar no pé da pessoa, vai quebrar, pode só acender. A cachaça, pode ser usada pra limpar, a fumaça do cigarro, até a bebida dela mesmo ela pode dar pra pessoa ingerir, ali não é só uma bebida, não é só uma fumaça, quando passa na mão da entidade vira uma coisa diferente (15 de outubro de 2024).

Todo e qualquer objeto pode ser utilizado para cura, até mesmo a própria bebida típica da entidade sendo consumida pelo enfermo ou derramada sobre a ferida, assim como as velas que são derretidas sobre ele, a fumaça do cigarro consumido pela entidade que é soprada no indivíduo. Tudo na mão da entidade passa a ter outro significado, outra função, outra energia; a bebida alcoólica que é consumida rotineiramente pelo enfermo e não possui nenhum efeito benéfico, quando utilizada no ritual passa a ser um medicamento, dado pela entidade, Josias diz:

Já teve gente que chegou com problema no rim- uma dor que sente aqui. A entidade desceu em terra e disse que é uma coisa dela, tipo assim, primeiramente vai pedir pra procurar o homem de branco, que é o médico. Aí depois disso não resolveu porquê tem a parte espiritual, aí ele (a entidade) vai passar tipo uns chás, a pessoa vai colocar as raízes na água, aroeira, pau-ferro. E sempre tomar em jejum, as vezes passa garrafadas, óleos. (15 de outubro de 2024).

¹³ Pó, significa uma mistura feita no Terreiro que é utilizada pó-de-pemba e outros ingredientes.

Figura 8- Bebidas das entidades



Fonte: Stephanni Carneiro, 2025.

A imagem acima apresenta elementos como a cachaça (Pitu), utilizada por diversas entidades, sejam de "Esquerda" ou de "Direita". Observa-se também uma garrafa contendo um preparado de águas de cachoeira e de mar, misturadas à pomba e a outros fundamentos. Os Ocutás que aparecem na imagem ainda não foram consagrados; vale ressaltar que cada entidade possui o seu, confeccionado com pedras específicas cujas formas e composições químicas devem seguir a orientação espiritual. Em um saco plástico, encontra-se a resina de jatobá, que é triturada para a fabricação do incenso artesanal.

O Pai de Santo, por sua vez, quando não é o responsável direto pelo preparo das garrafadas, tem a obrigação de providenciar todos os insumos que a entidade solicita para confeccioná-las. Apenas os banhos e chás podem ser preparados pelo próprio enfermo, sempre sob estrita orientação ritualística, confirma Josias:

Eu preparei tudo, deixei tudo pronto, a entidade desceu, juntou tudo e cruzou, aí aquele pó eu vou ter e ficar usando por muito tempo. Quando acabar eu vou preparar pra entidade fazer. Se ele falar assim, preciso de cachaça, cigarro, charuto e tal óleo, aí já deixo ali, quando a entidade descer, ela vai fazer o procedimento. A pomba branca, ela vem despreparada, tipo um giz, nesse procedimento a gente deixa no assentamento de um caboclo pra ele consagrar a Pomba (15 de outubro de 2024).

Em caso de encosto de Egum, um outro tipo de cura/livramento feito pelo pai-de-santo, a pessoa acometida passa a ver vultos, coisas dentro da casa começa a quebrar sem explicação lógica, sono excessivo, moleza no corpo; e nesse tormento intermitente o indivíduo procura o Terreiro para se livrar, esse procedimento é chamado de *Trabalho*, Josias diz:

Primeiramente a pessoa vem aqui pra rezar, a gente prepara o banho de alfazema folha e alfazema perfume. Aí depois a gente faz um triângulo com pomba branca, e coloca a pessoa dentro, em cada ponta do triângulo colocamos um copo de água e uma vela branca acesa, faço uma cruz de pólvora branca na frente e uma de pólvora preta atrás e faço as rezas, pai nosso e avemaria pedindo pra nossa senhora dos desterrados, desterrar e na força de Preto Velho, louvando e pedindo a Preto Velho para prender aquele espírito obsessivo, pra prender aquele Egum naquele triângulo e não atormentar mais essa pessoa, aí a gente fala umas palavras que é o nosso segredo. A partir disso passo um pouquinho da água na cabeça da pessoa, queimo a pólvora e a pessoa sai do triângulo com o pé direito e parte pro lado de fora pra tomar o banho de ervas. Depois disso colocamos mais pólvora dentro do triângulo e queimo, as velas ficam no chão até queimar toda. Assim que queima a pessoa já está liberta¹⁴(15 de outubro de 2024).

Para este trecho, a revisão focou na estruturação da lógica do "voto" (a promessa) e na correção das referências acadêmicas, garantindo que a comparação entre a Umbanda de Caém, a tradição Bantu e o Xamanismo Amazônico fique bem fundamentada.

Existem doenças que se diferem das enfermidades comuns e para as quais nem mesmo a medicina tradicional consegue encontrar a cura em tempo hábil. Nesses casos específicos, faz-se necessário um trabalho mais centrado dentro do Terreiro. No Rainha do Mar, o processo ocorre da seguinte maneira: primeiro, por meio do jogo de búzios, descobre-se a origem da enfermidade — se ela é "carnal" ou espiritual. Em todos os casos, o Ebó é aconselhável. Uma vez identificada a origem espiritual, torna-se necessária a intercessão dos Orixás, especialmente de Obaluaê, o senhor da cura. Durante a consulta com a entidade incorporada, firma-se uma promessa em prol da saúde do enfermo; é desse pacto que surge a realização do caruru como forma de retribuição à benfeitoria alcançada.

O espaço utilizado para esses rituais varia, podendo ocorrer em cachoeiras, na casa do Pai de Santo ou nas matas. Em "Práticas Terapêuticas Bantu: A cura por meio da água e dos vegetais" (2019), Maria S. Nascimento aborda como esses elementos são intrínsecos às práticas de cura. Tal perspectiva assemelha-se ao que pude constatar em minha pesquisa, na qual observei a cachoeira e as pequenas nascentes como elementos fundamentais para o ritual de limpeza da alma, sempre acompanhados de ervas utilizadas em banhos ou chás. No xamanismo amazônico, pedras e cachoeiras também são consagradas como espaços de devoção e poder.

A pedra do Rei Sabá, (entidade cultuada na pajelança) é objeto de culto dos adeptos ao catolicismo, da pajelança, e das religiões de matriz africana. Ela está sempre cheia de velas, fitas, do tipo daquelas colocadas em santos, e oferendas de todo tipo, sobretudo bebidas alcoólicas e tabaco" (PRANDI, 2009, p. 53).

¹⁴ Entrevista concedida por Josias Neves em Caém, 15 de outubro de 2024.

Josias diz sobre a relação com a natureza, no caso a cachoeira, é utilizada para despacho da festa do Terreiro.

A gente tem muito filho ativo no Terreiro e fazemos festa o ano todo, a gente faz a festa aqui e leva pro ambiente certo pra se decompor, a mata ou um rio, tem caso que a gente já faz a festa direto lá, mas, por respeito as outras pessoas a gente escolhe locais mais afastados e só despacha, a escolha do local de despachar tem que ter cuidado também porque o pai-de-santo tem que ter consciência que ele não é o dono dali, que não se pode deixar no meio da passagem (18 de março, 2025).

O despacho é feito com elementos da festa, durante o Orú (matança) alguns cortes são retirados para a entidade consumir a energia, cabeça, ponta da asa, os pés, de frangos e galinhas, entre outros são postos em uma tigela e colocados no assentamento do santo.

Assentamento é uma espécie de altar da entidade, nele é posto as oferendas e feitos os trabalhos.

Figura 9- Assentamento de Exu e Pomba Gira



Fonte:(Stephanni Carneiro, 2025).

A imagem apresenta abaixo são dois assentamentos, feito para Exu e Pomba Gira, nele consta a imagem em gesso, elementos em ferro, búzios, moedas, ocultá, dendê quente.

Figura 8- Assentamento de Ogum



Fonte: (Stephanni Carneiro, 2025).

Esse segundo assentamento é feito em homenagem a Ogum, nele são assentados elementos em ferro, trilho de trem, ferradura e outros.

Os alimentos e oferendas, com o passar do tempo vão seguindo a ordem natural da vida e se decompõem, essa decomposição precisa ser feita em um local seguro, pode ser na natureza, na encruzilhada ou enterrada no próprio Terreiro, para que não haja interferência humana, como diz o interlocutor em relação ao contato com o despacho, Josias diz:

Em um acidente, o orixá vai entender que não foi intencional, mas com a pessoa que chegou ali pra bagunçar já é diferente, a pessoa pode adoecer, a vida e os caminhos fecham. O Orixá é justo. Tocar não é ofensa ao orixá, bagunçar sim! O orixá sente o coração da pessoa (18 de março, 2025).

A figura do Pai de Santo está associada às benzedadeiras, pajés e bruxas, todos atuando como agentes de cura. São os "médicos da vida", que trabalham desde o visível até o invisível, sendo respeitados por seus saberes e poderes.

A entidade possui suas próprias exigências para a retribuição de seus serviços, manifestas em festas e oferendas. Já o Pai de Santo, de modo geral, não se deve cobrar pelos atendimentos prestados; quando o faz, são valores simbólicos destinados apenas à reposição do material utilizado, como ervas, pomba e alfazema.

Segundo Josias, para as consultas oraculares, realizadas por meio de cartas e búzios, o valor arrecadado é destinado às despesas pessoais do zelador. Já nas consultas que envolvem o contato direto entre o indivíduo e a entidade, o valor é dividido entre o médium e o "santo", de modo a custear as festividades rituais. Em entrevista, relata que costuma cobrar o valor de R\$ 60,00, ressaltando que este preço não é universal, variando conforme cada Terreiro e região

Figura 9- Peneira de Búzios



Fonte: (Stephanni Carneiro, 2025)

Assim como a Igreja Católica mantém o templo e o sacerdote, e as igrejas protestantes sustentam o pastor por meio do dízimo, é justo que, na Umbanda, o Terreiro e o Babalorixá sejam mantidos por meio daquilo que é proporcionado pela própria atividade ritual.

De modo geral, observa-se que as manifestações religiosas surgem de maneira mais significativa nas camadas populares, por ser, muitas vezes, a única alternativa para a resolução de suas demandas. À medida que a saúde, a educação ou outros fatores entram em decadência, a religião fortalece-se para contribuir e intervir de forma positiva na vida de seus praticantes. Como afirma Magnani (2002), no que se refere às estratégias de sobrevivência e sociabilidade, essas práticas constituem uma rede de apoio fundamental.

Uma dessas estratégias seria fornecida pelo atendimento oferecido por diferentes cultos religiosos que constituem de certa forma uma alternativa à deficiente rede

pública hospitalar (...). Certamente ligada à insegurança produzida pelas duras condições de vida, a resposta mágico-religiosa a problemas como desemprego, perturbações mentais, doenças físicas, dificuldades nas relações interpessoais etc., não se restringe à busca de solução para questões concretas e imediatas: quando se recorre às práticas religiosas, busca-se algo mais (MAGNAMI, 2002, p.197).

A religião por sua vez oferece um prognóstico positivo, quando através da Umbanda a doença não é curada, ela passa ser justificada; dessa forma o indivíduo não sai do Terreiro sem um significado que justifique os seus tormentos, tornando a “aceitação” mais fácil, levando em consideração a teoria do karma.

A medicina tradicional tende a tratar a doença de modo individualizado, separando por classificações, já na Umbanda a doença é o conjunto de fatores que precisam ser tratados juntos. Assim diz Magnami.

E é aqui onde reside uma diferença fundamental entre a prática médica oficial e as práticas alternativas, particularmente as que se vinculam a sistemas religiosos como é o caso da Umbanda. Enquanto a primeira tende cada vez mais à especialização e tecnificação - separando, dividindo, classificando - estas últimas oferecem um princípio integrador (MAGNAMI, 2002, p.199).

Nesse princípio integrador, ressaltamos a importância de considerar a composição química das ervas utilizadas nos procedimentos de cura — sejam banhos ou infusões — e a energia contida nos incensos e passes. A procura por esses serviços tem crescido continuamente, o que pode ser justificado, em parte, pelos efeitos colaterais dos medicamentos alopáticos; nesse sentido, a religião surge como uma alternativa terapêutica que favorece a renovação da esperança por meio da fé.

Devido à crescente demanda de adeptos, as festas de santo ocorrem durante todo o ano, no Rainha do Mar: Em janeiro, celebra-se Oxóssi; em fevereiro, a tradicional caminhada de Iemanjá pelas ruas com destino ao pontilhão; em abril, a festa de Ogum, o dono da casa; em maio, a festa de Preto Velho; em junho, a festa de "Esquerda" para Exu; em setembro, a celebração de São Cosme e Damião; em outubro, a festa de Boiadeiro; em novembro, a gira de Caboclo das Matas e, em dezembro, finaliza-se o ciclo com a gira para Santa Bárbara (Iansã). Mesmo com a grande adesão, percebe-se que alguns não praticantes ainda veem a religião com preconceito; em contrapartida, não foi relatado, até o momento da entrevista, nenhum caso de intolerância religiosa direta contra os membros da casa.

Diante da pesquisa, observemos que a fé é o princípio fundamental. Toda e qualquer religião parte de uma ideologia comum que une as pessoas. A crença em algo maior, que rege o universo, permite crer que há esperança para os males cotidianos, sejam eles doenças

biológicas, má sorte ou outros infortúnios. Para além da Umbanda, este plano em que habitamos é apenas parte de um mundo ainda maior; apegar-se às Entidades, Santos, Espíritos e Deuses é adquirir ensinamentos pautados na experiência de seres de outra dimensão. São eles que ensinam, guiam e protegem aqueles que neles creem, na tentativa de auxiliá-los a evoluir e sobreviver a este plano astral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi compreender a relação estabelecida entre a Umbanda e a crença da cura através dela na cidade de Caém. Para atingir este propósito, foi feita pesquisas de campo onde pude entrevistar líderes religiosos e adeptos da religião, na busca de compreender as minúcias daquilo que é tido como segredo e sagrado dentro dos Terreiros. A partir desse objetivo tive duas figuras marcantes e que foram o ponto de partida para a busca por respostas das quais eu mesma formulei.

A pesquisa inteira foi pautada em relatos orais através de entrevistas com o líder religioso Josias e seus filhos de Santo e pesquisas de campo, onde pude experienciar cada ritual. Algumas literaturas fortaleceram minha compreensão por tratarem o mesmo tema, como (VIEIRA FILHO, 2009)

No primeiro capítulo busquei através de entrevistas, compreender a origem do Terreiro em questão, como essa “obrigação” foi repassada em grau familiar e a hierarquia dentro desse espaço correlacionando aquilo que foi observado na Cidade de Caém com outras pesquisas. No segundo capítulo tratei a origem do dom e seus aspectos naturais e sobrenaturais que fazem a promoção da cura.

Esse trabalho tem como ponto positivo a desmistificação da atuação da Umbanda na cidade esclarecendo seus fundamentos e crenças, em contrapartida entre os grandes desafios enfrentados estão: a falta de documentos e registros, e o “receio” por meio dos líderes em falar abertamente sobre o assunto

Na prática no Terreiro Rainha do Mar, fica claro que a fé é o ingrediente principal e ela é quem rege a vida do ser humano, na medida que a saúde do corpo tem uma relação intrínseca com a espiritualidade do indivíduo, e que independente da religião, a fé move as montanhas e ela é responsável por todo progresso adquirido.

A realidade do que é vivido no Terreiro Rainha do Mar, tido como Terreiro de Umbanda é semelhante a outros existente na Bahia, as festividades, o culto às entidades. A pesquisa revelou a necessidade de atentar-se a necessidade de preservar aquilo que é essencial para o ser humano, o direito de cultuar sua fé seja como for, sem intolerância, sem discriminação, sem questionamentos.

Atualmente, ainda é perceptível os atentando a casa de Candomblé e Umbanda na Bahia, atentando a Pais-de-Santo e Mães- de- Santo em decorrência de uma visão cristã e colonialista que por muitos anos demonizou esses cultos. Diante desses dados precisamos de intervenções para que o respeito a esses líderes e seus espaços sejam mantidos.

Por fim, este estudo é apenas o início de muitos outros e não tem a pretensão de esgotar o tema em poucas linhas. Existem lacunas com relação ao culto Umbandista, e suas peculiaridades que precisam ser exploradas.

REFERÊNCIAS

- BERGO, Renata Silva. Quando o santo chama: O Terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Educação. Belo Horizonte, MG, 2011.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126#:~:text=Responsabilidade%20e%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o%20%2D%20Qualquer%20pessoa,ou%20ao%20Minist%C3%A9rio%20da%20Cultura>. Acesso em: 30 de julho de 2024.
- CASTRO, Rita de C. Q; VILLACORTA, Girsela M; O ofício de benzer como uma produção de conhecimento no município de Tracuateua-PA- *Amazônia-Brasil; v.1; Paraná,2021*.
- FURIAN, Patrícia Maria de Melo. Cura e Preceitos Mágicos na Pajelança Maranhense. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão (UFMA). São Luís, MA,2008.
- GONÇALVES, Gabriel Sanches. *A dor e a flor da memória: a quimbanda no imaginário umbandista – uma análise da produção bibliográfica em Ciências Sociais da Religião*. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.
- GOMES, Josildete. Povoamento da Chapada Diamantina. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 77, 1952*.
- GRANJO, PAULO. Saúde e Doença em Moçambique, Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.4, p.567-581, 2009.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A 2006.
- JURUÁ, Padrinho. Coletânea Umbanda a manifestação do espírito para a caridade. 2013.Disponível:<http://www.Umbanda.com.br/phocadownload/livros/AS%20ORIGENS%20DA%20Umbanda%20I.pdf> HYPERLINK . Acesso em 21 de Ago. de 2025.

KIZERBO, J. A tradição viva. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed – Brasília: UNESCO, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Irene Ferreira, com a colaboração de Célia Campello. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Antônio Ailton de Sousa. As práticas de cura na umbanda em Redenção - CE. 2016. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1252>. Acesso em 21 de Ago. de 2025.

MAGNANI, José Guilherme C. Doença Mental e Cura na Umbanda. *Teoria e Pesquisa – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos*, n. 40/41 jan/jul 2002.

NASCIMENTO, Maria S. Práticas Terapêuticas Bantu: A cura por meio da água e dos vegetais; Anais do Seminário de Ciências Sociais PGCS-UFES - Vol. 4; Espírito Santos, 2019.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5(1-2): 113-122, 1993 *ARTIGO (editado em nov. 1994)*

NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia. Patrimônio Cultural, Territórios e Identidades. 2012. Disponível: https://oleirosdesaojose.files.wordpress.com/2013/12/livro_patrimonio_final_web.pdf. Acesso em: 17 de setembro de 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7-28, dez. 1990.

PRANDI, Reginaldo Título: As religiões afro-brasileiras e seus seguidores Publicação: *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-33, jan.-jun. 2003

RODRIGUES, Mariza do Carmo. *Religião e Identidade no sertão baiano: o Candomblé em Jacobina/Ba*. 106f. Dissertação de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RODHE, Bruno Farias. Umbanda, uma Religião que não nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista de Estudos da Religião* março / 2009 / pp. 77-96ISSN 1677-1222.

ROGGER. Sansi. Fazer o santo: dom, iniciação e historicidade das religiões afro-brasileiras. *Análise Social*, vol. XLIV (1.o), 2009, 139-160.

SARACENI, Rubens. *Tratado Geral de Mediunidade*. São Paulo:Editora Madras, 2017.

SILVA, Anne C. C.; MOURA FILHA, Maria B. Os “monumentos históricos” como protagonistas na conservação dos “centros históricos” no Brasil no final do século XX; XII SHCU tempos e escalas das cidades do urbanismo; disponível em: <https://shcu2014.com.br/representa%C3%A7%C3%B5es/108.html> . Acesso em: 30 de julho de 2024.

TOMASO, Isabela. A expansão do patrimônio: novos olhares sobre os velhos objetos, outros desafios. *Sociedade e Cultura*, v.8, n. 2, Jul/dez, 2005, p.13-36.

VELAME, Fábio Macêdo; PEREIRA, Maria Alice; SILVA; Vilma Patrícia; SILVA, Sônia. Paralelismo afro-indígena e afro católico na arquitetura do Terreiro de Candomblé Ogodô Dey: a presença dos caboclos, índios, santos católicos, orixás e Inquices dentro do sistema religioso do Terreiro Ogodô Dey em Cachoeira-Bahia In: (RE) existência intelectual negra e ancestral. 2018, Uberlândia sp.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. Populações Negras e Indígenas no Sertão das Jacobinas Séculos XVIII e XIX: É possível encontrá-las em Documentos Oficiais? *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Fortaleza, 2009*.

DICIO. Dicionário Online de Português. Dom. São Paulo: 7Graus, [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dom/>. Acesso em: 5 dezembro de 2024.

FONTES ORAIS

1. Andrezza Carneiro- Entrevista concedida em 04 de novembro de 2025.
2. Josias Neves- Entrevistas concedida em 15 de outubro de 2024 e 18 março de 2025.
3. Fábio Assunção (pseudônimo)- Entrevista concedida em 18 de março de 2025.
4. Peba Vaqueiro (pseudônimo)- Entrevista concedida em 15 de outubro de 2024.

OUTRAS FONTES

Fotografias produzidas pela autora, conforme páginas indicadas no quadro de figuras.

APÊNCICE**ROTEIRO DE ENTREVISTAS REALIZADAS**

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Como posso descrever esse espaço (Terreiro)?

Quando ele foi fundado?

Tem algum documento que permita a existência dele?

Quem frequenta o Terreiro rainha do mar?

Quais as demandas mais atendidas?

Quando você iniciou na umbanda?

Quem foi tua referência na religião?

Quem e como descobriu seu dom?

O que é ser pai- de- santo?

Qual foi o processo até se tornar pai-de-santo?

Quem é que cura?

Como cura?

A cura é instantânea?

O que é usado para curar?

Quem prepara os medicamentos?

Como é feito o pagamento ao serviço?

Quem é cultuado no Terreiro?

Como é feito o culto?

Quais as características de cada orixá/entidade?

Quem faz festa aqui e para qual entidade?

Qual o calendário de festas anuais?

Sofre muito preconceito?

Como o bairro reage a existência desse espaço?

